

UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO, ARTES E LETRAS
MESTRADO EM LETRAS

JOSÉ WELTON DE SOUZA

A PROPAGAÇÃO DE DENÚNCIAS DE CORRUPÇÃO E DISCURSO DE ÓDIO NO
FACEBOOK: ACONTECIMENTOS DISCURSIVOS

DOURADOS-MS

2019

JOSÉ WELTON DE SOUZA

A PROPAGAÇÃO DE DENÚNCIAS DE CORRUPÇÃO E DISCURSO DE ÓDIO NO
FACEBOOK: ACONTECIMENTOS DISCURSIVOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, Faculdade de Comunicação, Artes e Letras, Universidade Federal da Grande Dourados, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de Concentração: Linguística e Transculturalidade

Linha de Pesquisa: Estudos da Língua(gens) e Discurso

Orientadora: Profa. Dra. Silvia Mara de Melo

DOURADOS-MS

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

S729p Souza, Jose Welton De

A propagação de denúncias de corrupção e discurso de ódio no Facebook: Acontecimentos discursivos [recurso eletrônico] / Jose Welton De Souza. -- 2019.

Arquivo em formato pdf.

Orientadora: Silvia Mara de Melo.

Dissertação (Mestrado em Letras)-Universidade Federal da Grande Dourados, 2019.

Disponível no Repositório Institucional da UFGD em:

<https://portal.ufgd.edu.br/setor/biblioteca/repositorio>

1. Análise do Discurso. 2. Facebook. 3. Memes. 4. Corrupção. 5. Discurso de ódio. I. Melo, Silvia Mara De. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

©Direitos reservados. Permitido a reprodução parcial desde que citada a fonte.



JOSÉ WELTON DE SOUZA

**A PROPAGAÇÃO DE DENÚNCIAS DE CORRUPÇÃO E DISCURSO DE
ÓDIO NO FACEBOOK: ACONTECIMENTOS DISCURSIVOS**

Dissertação, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, como parte das exigências para obtenção do título de Mestre.

Dourados – MS, 24 de junho de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Dr.ª. Silvia Mara de Melo
Universidade Federal da Grande Dourados
Programa de Pós-Graduação em Letras
Presidente

Dr.ª. Elizete de Souza Bernardes
Instituto Federal de Mato Grosso do Sul
Membro Titular Externo

Dr. Washington Cesar Shoiti Nozu
Universidade Federal da Grande Dourados
Programa de Pós-Graduação em Fronteiras e Direitos Humanos
Membro Titular Externo

Dedico a Minha Eterna Mestra, Vó Antonia (*in
memoriam*).



AGRADECIMENTOS

Reservo este momento para agradecer aqueles e aquelas que tenho apreço e gratidão por estarem presentes em minha vida, e que de alguma forma incentivaram para o andamento e conclusão deste projeto que tanto almejei.

A minha família e amigos, que contribuíram com cada palavra de incentivo e força, nos momentos que foram necessários.

Aos amigos e amigas, Douglas, Ricardo, Helder, Geovane, Henrique, Janaina, Fernanda, Giuliane e Danyelle, pelas conversas e desabafos dos desafios que o curso proporcionou.

À Erika Gutierrez, por ser uma das pessoas que mais me incentivou nesta caminhada e que acreditou em minha capacidade de concluir este capítulo de minha vida. E que agora tenho certeza que cada um deles foram extremamente importantes em cada etapa.

Aos colegas da Faculdade de Ciências Humanas, Ivanir, Jussara, Flávia, Angelo, Daiane, Wallace pelas palavras de força e incentivos, ao Gustavo, Pedro e Rafael pela força na secretaria da pós-graduação, e aos demais colegas Técnicos Administrativos.

Às duas mulheres que tiveram papel importante em minha caminhada no mestrado na condição de orientadoras, a Professora Rute Izabel Simões Conceição, que me acolheu inicialmente como orientadora. E com a imensa gratidão agradeço a Professora Silvia Mara de Melo, que me acolheu até o término do curso, a cada observação, orientação, e com toda sua sabedoria me auxiliou nos momentos que foram necessários, momentos que levarei em minha memória.

À banca examinadora, a Professora Elizete de Souza Bernardes e ao Professor Washington Cesar Shoiti Nozu, que contribuíram com este trabalho desde a Qualificação. Agradeço imensamente por aceitarem o convite para comporem também a banca examinadora na Defesa. Obrigado pela contribuição de vocês.

Aos colegas de Turma – “um salve para Turma 2017” -, os quais compartilhamos muitos intervalos, com conversas, risadas, preocupações, e palavras de incentivos. Turma de 2017, finalizamos mais uma etapa de nossas vidas!

A cada um dos professores que fizeram presença em minha caminhada através de cada aula em suas disciplinas, nas quais foram nossos mentores, **muito obrigado** por compartilharem conosco seus conhecimentos em cada uma das disciplinas que ministraram.

À secretária do PPG Letras, Suzana C. Marques, por contribuir com seu conhecimento administrativo em todos os momentos que necessitei de auxílio, e fui atendido prontamente.

À Biblioteca do Senado Federal, por contribuir com a disponibilização de arquivos que contribuíram para o desenvolvimento deste estudo.

Por fim, agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Letras, por contribuir com o desenvolvimento desta pesquisa. E a Universidade Federal da Grande Dourados, por abrir espaço para que, na condição de Técnico Administrativo, pudesse concluir mais um ciclo em minha vida acadêmica.

*O papel do intelectual é mudar alguma coisa no
pensamento das pessoas.*

FOUCAULT (2006a, p. 295)

SOUZA, José Welton de. *A propagação de denúncias de corrupção e discurso de ódio no Facebook: Acontecimentos discursivos*. 2019. Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Comunicação, Artes e Letras, da Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2019.

RESUMO

A ascensão das redes sociais na vida das pessoas faz com que muitos sujeitos utilizem esses recursos para se aproximar de outras pessoas. Mesmo possuindo esse aspecto importante para a evolução dos meios de comunicação digital, há indivíduos que utilizem essas ferramentas para provocar a desordem e praticar a disseminação do ódio entre seus usuários. Compreender e analisar enunciados que foram constituídos de forma ideológica para denunciar atos de corrupção e discurso de ódio para serem compartilhados abertamente no *Facebook* no período de 2016 a 2018. Esta pesquisa é de caráter qualitativo, com a função de explorar os enunciados que contém em sua formação denúncias sobre atos corruptos e o discurso de ódio. E para que fosse possível, observarmos esses aspectos, coletamos mais de trinta *memes*, os quais circularam e ainda circulam nas atuais redes sociais, deste quantitativo, selecionamos um total de seis para aprofundarmos em nossas análises. Para dar forma ao que propomos, apoiamo-nos em estudos da Análise do Discurso. A partir do *corpus* selecionado, o embasamento teórico que obtivemos foi necessário para explorarmos e chegarmos aos nossos objetivos. Notamos que os sujeitos usam as redes sociais para ofender uns aos outros por meio de enunciados que podem parecer inocentes superficialmente, mas observamos que estes enunciados possuem uma densa carga ideológica em sua construção. Através deste estudo, foi perceptivo o entendimento de que as redes sociais são um *loco* rico para a constituição dos sujeitos, pois é possível que os mesmos se reinventem e, assim, propaguem seus enunciados com particularidades próprias, que possibilita ao analista do discurso um vasto leque de possibilidades de estudos, assim, como o que nos propomos a investigar, pois há várias perspectivas a serem analisadas em um único enunciado. Portanto, através deste estudo possibilitou o entendimento da influência que o *Facebook*, na condição de rede social, tem no cotidiano das pessoas de modo que através dela os sujeitos ganham visibilidade com suas publicações que são pautadas em seus posicionamentos ideológicos.

Palavras-chave: Análise do Discurso. Facebook. *Memes*. Corrupção. Discurso de ódio.

SOUZA, José Welton de. *The spread of corruption accusations and hate speech on Facebook: Events discursive*. 2019. Dissertation (Master of Arts) - Faculty of Communication, Arts and Letters, Federal University of Grande Dourados, Dourados, 2019.

ABSTRACT

The rise of social networks in people's lives has shown an important aspect of connecting subjects and making them closer. Despite the important aspects of these digital media evolution, some users have used it to provoke disorder and disseminate hate among others. This article aims to understand and analyze statements built ideologically in order to denounce corrupt acts and hate speech. Understand and analyze statements that were constituted in an ideological way to denounce acts of corruption and hate speech to be shared openly on Facebook in the period from 2016 to 2018. This is a qualitative research reaching to expose corrupt acts and hate speech denunciations. And to make it possible, observe these aspects, we collected more than thirty (30) memes, which circulated and still circulate on current social networks, this quantitative, we selected a total of six (6) to go deeper in our analysis. To form what we propose, we rely on the discourse analysis studies. From the selected corpus, the theoretical background we got was necessary to explore and reach our goals. We note that individuals use social networks to offend each other through statements that may seem innocent on the surface, but we observe that these statements have a dense ideological charge in its construction. Through this study, it was perceptive understanding that social networking is a place rich to the constitution of the subject, it is possible that they reinvent and thus propagate its statements with its own peculiarities, which enables the discourse analyst vast range of study opportunities, as well as what we propose to investigate, as there are several perspectives to be analyzed in a single statement. Therefore, through this study allowed the understanding of the influence that Facebook, provided social network, has in daily life so that through her subjects gain visibility with their publications that are based on their ideological positions.

Keywords: Discourse Analysis. Facebook. Memes. Corruption. Hate speech.

SOUZA, José Welton de. *La difusión de acusaciones de corrupción y discurso de odio en Facebook: eventos discursivos*. 2019. Tesis (Maestría en letras) - Facultad de comunicación, artes y letras, Universidad Federal da Grande Dourados, Dourados, 2019.

RESUMEN

El aumento de las redes sociales en la vida de las personas hace que muchos sujetos utilicen esos recursos para acercarse a otras personas. A pesar de los aspectos importantes de la evolución de estos medios digitales, algunos usuarios lo han utilizado para provocar desórdenes y diseminar el odio entre otros. Este artículo tiene como objetivo comprender y analizar las afirmaciones construidas ideológicamente para denunciar actos corruptos y expresiones de odio. Comprenda y analice las afirmaciones que se constituyeron de manera ideológica para denunciar abiertamente actos de corrupción y discurso de odio en Facebook en el período de 2016 a 2018. Esta es una investigación cualitativa que trata de exponer actos corruptos y denuncias de discurso de odio. Y para hacerlo posible, observe estos aspectos, recolectamos más de treinta (30) memes, que circularon y aún circulan en las redes sociales actuales, esta cuantitativa, seleccionamos un total de seis (6) para profundizar en nuestro análisis. Para conformar lo que proponemos, nos apoyamos en los estudios de análisis del discurso. Desde el corpus seleccionado, los antecedentes teóricos que obtuvimos fueron necesarios para explorar y alcanzar nuestras metas. Notamos que los individuos usan las redes sociales para ofenderse mutuamente a través de declaraciones que pueden parecer inocentes en la superficie, pero observamos que estas declaraciones tienen una carga ideológica densa en su construcción. A través de este estudio, fue comprensivo comprender que las redes sociales son un lugar rico en la constitución del tema, es posible que reinventen y, por lo tanto, propagen sus declaraciones con sus propias peculiaridades, lo que permite al analista del discurso una amplia gama de oportunidades de estudio, como así como lo que nos proponemos investigar, ya que hay varias perspectivas para analizar en una sola declaración. Por lo tanto, a través de este estudio, se permitió la comprensión de la influencia que Facebook, proveyó en las redes sociales, en la vida diaria para que a través de sus temas ganen visibilidad con sus publicaciones basadas en sus posiciones ideológicas.

Palabras clave: Análisis del discurso. Facebook. Memes. Corrupción. El discurso del odio.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Corrupção é vista como maior problema do país.	36
Figura 2 - Manifestações pró-governo. Fonte: BATISTA (2016).....	48
Figura 3 - Manifestações contra o governo. Fonte: BATISTA (2016)	48
Figura 4 - Malas de dinheiro.	53
Figura 5 - Os 13 porquês	55
Figura 6 - Tanto Sangue vicia e entope!.....	57
Figura 7 - Discurso de ódio contra os nordestinos durante as eleições de 2018.	60
Figura 8 – Cemitério.	63
Figura 9 - Dedo do Lula	65

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1. AD E SUAS NOÇÕES: VERDADE E PODER, IDEOLOGIA E SUJEITO E ENUNCIADO E ACONTECIMENTO	17
1.1 Verdade e Poder	17
1.2 Ideologia e Sujeito	22
1.3 Enunciado e Acontecimento	26
2. DISCURSO POLÍTICO E SEUS DESDOBRAMENTOS	30
2.1 O surgimento e a formação do Discurso Político	31
2.1.2 Discurso político na atualidade: as redes sociais como meio de compartilhamento de enunciados	34
2.2 A corrupção política e as denúncias de corrupção	36
2.3 O Discurso de Ódio: seus reflexos em períodos eleitorais	43
3. AS DENÚNCIAS DE CORRUPÇÃO E OS DISCURSOS DE ÓDIO.....	47
3.1 As condições de produção e o método.....	47
3.1.1 O <i>meme</i> como gênero discursivo digital	49
3.2 Análise do <i>corpus</i> selecionado	51
3.2.1 Denúncias de atos de corrupção cometidos por agentes políticos.....	52
3.2.2 O discurso de ódio e sua disseminação nas redes sociais	59
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	67
REFERÊNCIAS	70

INTRODUÇÃO

Com o passar do tempo vão surgindo novas tecnologias na vida das pessoas, e acompanhadas destas novidades tecnológicas surgem também outras formas de comunicação, podemos citar, por exemplo, as redes sociais, que foram desenvolvidas para (re)aproximar as pessoas através da rede mundial de computadores. Além de (re)unir pessoas o *Facebook*, por exemplo, concentra muitos usuários, e que muitos deles usam para o compartilhamento de seus posicionamentos frente a uma infinidade de temas, elas também são, todavia utilizadas para propagar denúncias de atos corruptos e discurso de ódio através de postagens.

Nesse aspecto, Guerra e Botta (2018, p. 1864) apontam que

As redes sociais digitais são formadas por grupos de pessoas com interesses em comum, que organizam e interagem mediados pelo computador e também fora das redes. Nesse espaço, cada sujeito constrói sua reputação através das interações com outros participantes [...].

Observamos que as redes sociais atualmente tornaram um ponto digital de reunir inúmeras pessoas que possuem o mesmo gosto ou posicionamento ideológico e político e, desta forma, cada um desses sujeitos, que faz parte do *Facebook*, por exemplo, constrói sua imagem através das interações com outros usuários por meio de suas postagens, gerando assim certa reciprocidade entre eles ao compactuarem com a mesma ideologia ou gosto ao compartilharem uma determinada postagem.

Como problemática para esta pesquisa, colocamos nosso interesse em elencar e investigar as influências que os sujeitos provocam aos demais usuários das redes sociais ao compartilharem seus descontentamentos com o atual cenário político, e por se sentirem incomodados com a situação, para milhares de outros sujeitos através de *memes*, formando denúncias de atos corruptos. E também tem um grande número de sujeitos que preferem propagar o ódio contra outras pessoas simplesmente por elas não compactuarem do mesmo pensamento de um determinado sujeito, principalmente em períodos eleitorais.

Buscamos justificar nossa pesquisa, considerando as investigações que corroboram com o tema que nos propomos a investigar, como por exemplo os estudos de Guimarães e Moura (2016), o qual discutem sobre o discurso de ódio relacionado com os nordestinos durante as eleições, e desta maneira, procuramos somar com os demais pesquisadores da Análise do Discurso, que se dispõem a pesquisar sobre os enunciados que se constituem através das redes sociais.

Nesse aspecto, esses enunciados que circulam pelo *Facebook*, muitas vezes são produzidos por sujeitos constituídos ideologicamente por sentirem-se superior em relação aos demais sujeitos, assim sendo, Sousa (2008, p. 40), aponta que “a ideologia resulta de uma prática social [...]. Ela nasce da atividade social dos homens no momento em que estes procuram representar essa atividade para si mesma”.

E ainda, segundo Navarro e Nezo (2016), para que esses sujeitos não sejam ignorados em uma rede social, os mesmos devem subjetivarem-se na forma de sujeito-usuário que passam a produzir seu próprio capital social. Sendo que pode ter vários tipos, como por exemplo, críticas, divulgação de um produto, entre outros.

Neste sentido, notamos que fazer uso do *Facebook* para expor algo se tornou rotineiro, porque as pessoas sabem que terão visibilidade, no entanto, estes conteúdos podem ser falsos ou ainda propagar o ódio.

Na sociedade atual, podemos considerar as redes sociais como um dispositivo discursivo, visto que através delas são veiculados discursos que no seu todo se constitui uma “história do presente” em forma de um acontecimento que acaba causando uma tensão entre a memória e o esquecimento, e com isso ela vem formatar a historicidade que nos atravessa de modo que tem como objetivo moldar a identidade histórica que liga o passado ao presente (GREGOLIN, 2007).

O sentido de liberdade de expressão faz com que as pessoas se sintam livres para compartilhar sua indignação com políticos e governos e, ao mesmo tempo, denunciar um descaso social. Assim, como para propagar o discurso de ódio, referindo-se a políticos, partidos políticos, governos e seus representantes, por meio de publicações em redes sociais, principalmente no *Facebook*. É possível notar, que nesta rede social existem muitas páginas que têm por finalidade fazer crítica a um dado partido ou um tema político da atualidade, em que elas passam a criar sua própria verdade.

Observamos, assim, que a partir do momento em que uma pessoa se filia um certo efeito de verdade e divulga nas redes sociais, ela faz com que várias outras pessoas acreditem no que está sendo compartilhado nestes mesmos espaços.

Levando em consideração nossa discussão, reafirmamos que pretendemos estudar e identificar a presença de denúncias de corrupção e discursos de ódio que foram compartilhados no *Facebook*, no período de 2016 a 2018. Neste viés, nosso objetivo será o de analisar os posicionamentos de enunciados verbais e não verbais contendo denúncias de corrupção e discursos de ódio e, a partir desta análise, verificar a frequência que estes enunciados foram compartilhados para que outros sujeitos tivessem acesso ao mesmo.

Com isso, acreditamos que esses sujeitos são constituídos ideologicamente através do seu entorno, e com isso pode-se considerá-los responsáveis por compartilharem em forma de “*memes*”, enunciados que remetem ao cenário político que ocupa a memória de muitos brasileiros, seja, através das manifestações de ruas, seja as que circulam diariamente pelas redes sociais, pelo *Facebook*, principalmente.

E, para que posamos alcançar nossos objetivos e resultados que almejamos com essa investigação, dividimos nossa trajetória desta pesquisa em três momentos.

Inicialmente dedicados a estudar sobre alguns dos temas abordados pela Análise do Discurso, sendo eles a Verdade e Poder, a Ideologia e o sujeito, também o Enunciado e Acontecimento. Apoiamos nos estudos de Fernandes (2012), Foucault (1979, 1988, 1995, 2006, 2014 e 2017), Orlandi (2005), Pêcheux (2006) e Possenti (2009), para que pudéssemos alcançar a base teórica proposta para nossa investigação.

No segundo momento, temos como objetivo nortear o tema que nos propomos investigar, pois abordaremos sobre o discurso político, sobre a importância que as novas tecnologias têm para o desenvolvimento do cenário político de hoje. E também sobre a corrupção política, pois é uma peça chave para basear nossa análise, pois discutiremos sobre casos de denúncias de corrupção, assim como sobre o discurso de ódio dentro do cenário político, pois, com o passar dos tempos, está ganhando mais espaço com a liberdade que as redes sociais dão a muitos sujeitos, facilitando a prática destes tipos de delitos. Como suporte para a discussão destes temas, temos os estudos de Brasil (2017), Foucault (2008), Martins (2008), Rocha (2009), Sargentini (2015) e Silva (2011).

Por fim, destinamos um momento para as análises dos enunciados que coletamos no decorrer de nossa investigação, o qual nos deu um retorno de mais de 30 (trinta) *memes* que continham discurso de ódio e de denúncias de atos corruptos, dentre esse número selecionamos 6 (seis) destes *memes* que doravante denominamos enunciados.

Com isso, propomo-nos, através deste estudo, analisar um tema que está presente no dia a dia das pessoas, sejam daquelas que fazem uso de redes sociais, ou das que preferem se manter conectadas com o mundo através dos meios tradicionais de informações (jornais impressos, revistas, TV e rádio).

Os referentes metodológicos que empregamos no decorrer de nossa pesquisa foram baseados inicialmente na busca de uma referência teórica da Análise do Discurso de linha francesa, que apoiasse nossos estudos. Diante disso, nos encontramos teoricamente com os estudos de Michel Foucault, o qual foi primordial para o desenvolvimento da pesquisa, assim, também com os estudos da professora Maria do Rosário Gregolin, professor Claudemar Alves

Fernandes, o qual contribui grandemente com suas pesquisas e estudos para a Análise do Discurso no Brasil, assim, como a professora Eni P. Orlandi.

E, para que todo nosso esforço ganhasse vida, debruçamo-nos na coleta de *memes* que circularam durante o período de 2016 a 2018 nas redes sociais, e nos deparamos com diversos enunciados que se enquadraram com os objetivos que propomos seguir, com isso nosso *corpus* ganhou forma e os colocamos em dois grupos, sendo eles os que continham discursos de denúncias de corrupção e discursos de ódio.

Portanto, o desenvolvimento e resultados almejados, assim como todo o esforço dedicado a esta investigação, são possíveis de se encontrar em cada uma das linhas e entrelinhas que seguem adiante, e que nos abrem caminhos para objetivos futuros, assim, como contribuir para a comunidade acadêmica que dedica seus estudos para a Análise do Discurso.

1. AD E SUAS NOÇÕES: VERDADE E PODER, IDEOLOGIA E SUJEITO E ENUNCIADO E ACONTECIMENTO

Nesta seção, dedicaremos ao estudo de algumas noções que Foucault nos apresentou durante os cursos ministrados no *Collège de France*, enquanto ocupou a cadeira de *Histórias dos sistemas de pensamento*, a partir de 1970.

No primeiro momento discutiremos *Verdade e Poder* porque essas duas noções atuam em conjunto para que deem vida a cada enunciado, pois um sujeito compartilhará sua “verdade” nas redes sociais. Desta forma, para que tenhamos sujeito passível de exercer o poder. Para corroborar com nossas discussões, além dos apontamentos de Foucault (1979, 1988, 1995, 2006, 2014), trouxemos os estudos de Babagli (2015), Fernandes (2012), Navarro e Nezo (2016) e Pisa (2012).

No segundo momento, reservamo-nos a discutir sobre *Ideologia e Sujeito*, sabendo-se da importância que o sujeito possui para a formação de um enunciado, dedicamos o estudo do sujeito em conjunto com a ideologia, porque acreditamos que o sujeito é constituído pelas formações ideológicas. Para que pudéssemos traçar essa discussão, tivemos o suporte teórico nos estudos de Benevides (2013), Fernandes (2012), Foucault (1979, 2014), Gregolin (1995), Orlandi (2005) e Sylvestre (2013).

Por fim, abordaremos *Enunciado e Acontecimento*, noções relevantes no campo da Análise do Discurso. A discussão se inicia com a noção de Enunciado com luz aos estudos de Foucault (2017). E na sequência sobre o Acontecimento, noção que teremos apoio nos estudos de Pêcheux (2006), ele nos apresenta através de seus principais estudos o que devemos considerar para termos um Acontecimento e como o mesmo surge. Como aporte teórico nessa dualidade, compartilhamos dos estudos de Foucault (2017), Gaspar (2006), Gregolin (2006), Pêcheux (2006), Prado (2014) e Possenti (2009).

1.1 Verdade e Poder

Quando discutimos sobre discursos e enunciados, logo devemos pensar qual é o alcance e seu valor, no que tange como princípio de verdade, principalmente quando se trata de enunciados que circulam nos dias de hoje, pelas redes sociais. E, a partir dessa circulação de enunciados na rede, seus criadores passam a ser considerados os responsáveis pelo que foi

publicado ou compartilhado, pois cada sujeito possui uma interpretação sobre determinado enunciado, já que o mesmo é passível de leituras diferentes que são determinadas pela sua forma de pensar sobre um dado assunto ou tema.

De acordo com Navarro e Nezo (2016), para que esses sujeitos não sejam ignorados em uma rede social, os mesmos se subjetivam na forma de sujeito-usuário, e passam a produzir seu próprio capital social, ou seja, começam a elaborar seu próprio conteúdo referente a determinados temas, colocando seu posicionamento, partindo da concepção de que esse conteúdo é sua verdade.

Esse sujeito/usuário passa a (re)produzir uma verdade a partir da veiculação de enunciados para que sejam compartilhados com seus amigos nas redes sociais, como o *Facebook*, por exemplo, e com isso esse sujeito acredita que está livre e protegido pela liberdade de expressão para que possa compartilhar conteúdo que contenham ofensas as pessoas e mentiras.

E, assim, Foucault (2014, p. 9) ressalta que:

[...] por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e o poder [...] visto que o discurso [...] não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é também aquilo que é o objeto do desejo; e visto que [...] o discurso não é simplesmente aquilo que traduz lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nós queremos apoderar.

No *Facebook* existem muitas páginas que têm por finalidade fazer crítica a um dado partido político ou um tema da atualidade, tais páginas passam a criar sua própria verdade, a qual torna sua vontade de verdade. Nesse sentido, Foucault (2014, p. 17) entende que este mecanismo de discurso está

[...] apoiado sobre um suporte e uma distribuição institucional tende a exercer sobre os outros discursos [...] uma espécie de pressão e como que um poder de coerção. Penso na maneira como a literatura ocidental teve de buscar apoio, durante séculos, no natural, no verossímil, na sinceridade, na ciência também – em suma, no discurso verdadeiro.

Podemos observar que, a partir do momento em que um sujeito divulga um certo tipo de verdade nas redes sociais, ele pode levar outros sujeitos a compartilharem o material veiculado e, por conta de *fakenews*, os sujeitos que visualizam esses enunciados, por sua vez, determinam que estes conteúdos são verídicos, e passam a compartilhar o conteúdo para a sua rede de contato, criando, assim, uma teia ainda maior do enunciado/discurso produzido pelo sujeito que criou o perfil ou página na rede social.

Foucault, por exemplo, aponta que para que haja entendimento do que realmente seja verdade é necessário que a percebamos como elemento que foi construído socialmente por meio das relações sociais,

Para assinalar simplesmente, não próprio mecanismo de relação entre poder, direito e verdade, mas a intensidade da relação e sua constância, digamos isto: somos forçados a produzir a verdade pelo poder que exige essa verdade e que necessita dela para funcionar, temos de dizer a verdade, somos coagidos, somos condenados a confessar a verdade ou encontrá-la. (FOUCAULT, 1999, p. 29).

Nesse sentido, esses sujeitos, por sentirem-se livres, acreditam que estão com o poder em suas mãos por seus enunciados terem uma alta visibilidade. Desta forma, embasado nos estudos de Foucault, Fernandes (2012, p. 53), acentua que este “[...] poder implica também liberdade e possibilidade de resistência, cuja existência só é possível em sujeitos livres”.

Considerando este aspecto de verdade, Babagli (2015), com base nos estudos de Foucault, considera que para se enunciar dentro de um discurso verdadeiro, não basta apenas que essas verdades sejam enunciadas, mas é necessário obedecer a uma polícia discursiva. Dessa forma, podemos transcrever da seguinte maneira: “[...] um enunciado só ganha o estatuto de verdadeiro em uma disciplina se preencher um todo complexo jogo de regras, definições, instrumentos e se ater a um plano determinado de objetos passíveis de serem conhecidos” (BAGAGLI, 2015, p. 1).

Com isso, quando a pessoa passa a ter um posicionamento de “dona da verdade” ou “fonte do seu dizer”, a partir deste momento surge a relação de poder sobre os enunciados que estão sendo circulados. Pisa (2012, p. 153) aponta que “[...] os discursos são produzidos e circulam segundo táticas (meios) e estratégias (finalidade) de poder”. A autora acrescenta ainda que

[...] o poder atravessa os discursos fazendo funcionar uma engrenagem que faz ver certas coisas, falar certas coisas, proliferar certos temas e não outros, se constituir de uma dada maneira, desejar de um certo modo e não de outro. O poder é encarado, então, como uma tecnologia, utilizado para um fim, por meio de tática(s), objetivando favorecer o manejo de certas situações. (PISA, 2012, p. 153).

A autora aponta também que, após a produção dos discursos, será possível verificar meios utilizados pelos sujeitos para que estes circulem as informações como forma tática, estabelecendo as estratégias que o poder exige, que servirá como meio de persuasão para com outros sujeitos, a fim de que tenham ciência de que determinado enunciado seja carregado de verdades, e que este poder que se faz presente, funciona como uma engrenagem que faz com a verdade produzida do sujeito torne-se a única.

Este mesmo sujeito, que apresenta um posicionamento de que somente ele é detentor da verdade, ao compartilhar esses enunciados nas redes sociais, se torna um sujeito que “[...] se (re)constrói como sujeito ou sujeitos por meio de suas práticas discursivas, projetando sua subjetividade de forma real ou imaginária” (FERNANDES; OLIVEIRA, 2008, p. 2). Desta forma, este sujeito se reconstruiu a partir da identidade que o mesmo projetou nas redes e criará relações de poder com seus seguidores, os quais podem em sua maioria considerar que esse sujeito (re)produz enunciados verdadeiros.

Nesses casos, Foucault (1988, p. 90) sublinha que toda relação é uma relação de poder, que não opera de forma dicotômica, e não tem um sujeito que o controle e o domine. Ou seja, qualquer relação estabelecida pelos sujeitos nas redes sociais é uma relação de poder, entre o locutor e interlocutor.

Foucault (1995, p. 244) ainda acrescenta que

O poder só se exerce sobre “sujeitos livres”, enquanto “livres” – entendendo-se por isso sujeitos individuais ou coletivos que têm diante de si em campo de possibilidade onde diversas condutas, diversas reações e diversos modos de comportamento podem acontecer.

Seguindo essa mesma linha de pensamento, Pisa (2012, p. 145) destaca que o sujeito possui domínio sobre o que publicou, e que ele, por sua vez, mantém uma relação de poder, a qual não é estática, porque ela “[...] vai se reciclando, se renovando, pois de tempos em tempos, as relações de poder vão mudando, configurando novos regimes de fazer, de falar de si, de agir, etc”.

O sujeito, ao ter esse posicionamento de ser o único com o poder da verdade ao ter sob sua responsabilidade a produção de enunciados para serem circulados nas redes sociais, e passam a serem considerados populares entre os sujeitos-usuários, faz com que o mesmo tenha inteira liberdade de propagar uma falsa verdade ou uma *fakenews* sobre determinado assunto ou situação. Sendo que esses enunciados, ao serem circulados nas redes sociais, possibilitará o acesso e a atenção de muitos outros sujeitos que compartilham deste mesmo posicionamento.

Desta maneira, este sujeito apresentará aos demais usuários da rede os enunciados produzidos como sendo verdadeiros, a ponto de que estes não verifiquem se há outras versões sobre estes enunciados que estão sendo publicizados em seu perfil. Numa rede social, esta ação é considerada um efeito do poder que não é absoluto. Porém, esse sujeito responsável pelos enunciados para manter o poder torna-se um sujeito “[...] ‘dócil e submisso’ por esse poder” (FOUCAULT, 2006b, p. 28).

Neste ínterim, Foucault (1979) em sua obra *Microfísica do Poder*, relacionando o sujeito com poder, aponta que

[...] aquilo que faz com que um corpo, gestos, discursos e desejos sejam identificados e constituídos como indivíduos é um dos primeiros efeitos de poder. Ou seja, o indivíduo não é o outro do poder: É um de seus primeiros efeitos. (FOUCAULT, 1979, p. 183).

Outrossim, o sujeito é o primeiro a sentir o efeito do poder, uma vez que ele será um influenciador, como forma de exercer o poder da verdade que o mesmo possui a seu favor ao compartilhar seus enunciados nas redes sociais. E, desta maneira, outros sujeitos, acreditando que o conteúdo destes enunciados é a única verdade, irão replicar para que outros sujeitos tenham acesso às informações.

Ainda, se tratando da relação de poder com a verdade, Passos (2018) aponta que em

[...] uma sociedade sem relações de poder só pode ser uma abstração. [...] Dizer que não pode existir uma sociedade sem relações de poder não é dizer que aquelas que estão estabelecidas devem ficar como estão. Em todo caso, o poder se constitui numa fatalidade no coração das sociedades, a tal ponto que este não pode ser evitado. (PASSOS, 2018, p. 38).

Seguindo esse pressuposto, o sujeito, ao compartilhar “enunciados de verdade” no *Facebook*, transmitirá para a sociedade um discurso com a tendência ao pensamento dele próprio, isto é, da forma que mais lhe convêm, podendo este discurso ser tendencioso ou até uma *fakenews*, tendo como única finalidade persuadir, enganar seus seguidores/leitores, assim, como usá-los por serem alvos fáceis a serem manipuláveis.

Certamente, o sujeito ao produzir enunciados ditos verdadeiros e compartilhar com vários outros sujeitos gera o que Foucault chama de relações de poder, e que o

exercício do poder [...] é um modo de ação de alguns sobre os outros [...] só há poder exercido por 'uns' sobre os 'outros'; o poder só existe em ato. [...] O poder não é da ordem do consentimento [...] Uma ação sobre a ação [...] de forma que o 'outro' seja inteiramente reconhecido e mantido até o fim como o sujeito da ação; e que se abra, diante da relação de poder, todo um campo de respostas, reações, efeitos, invenções possíveis. [...] O exercício do poder [...] é um conjunto de ações sobre ações possíveis, ele opera sobre o campo de possibilidade onde se inscreve o comportamento dos sujeitos ativos; ele incita, induz, desvia, facilita ou torna mais difícil [...] é sempre uma maneira de agir sobre um ou vários sujeitos ativos e o quanto eles agem ou são suscetíveis de agir. Uma ação sobre ações. (FOUCAULT, 1995, p. 242-243).

Nota-se, neste sentido, na fala de Foucault, que para o poder ser exercido, haverá sempre uma reação por parte dos sujeitos ou da condição de produção que ambos estão inseridos, porque o exercício do poder sempre será um conjunto de ações, consideradas possíveis para esses sujeitos exercerem seu poder perante outros e até mesmo a forma de se

manter na condição deste sujeito. Tudo porque, para uma ação, sempre haverá uma outra ação.

Diante disso, Foucault (1979) aponta que

O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso. Deve-se considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir. (FOUCAULT, 1979, p. 8).

Portanto, no momento que o sujeito se desloca para alcançar ou executar essas ações junto à sociedade com seus enunciados, ele irá reproduzir sua interpretação do que pode ser verdade e que sempre estará vinculada a uma condição de produção de um discurso de poder. E caso esse sujeito tenha muitos seguidores de seu perfil nas redes sociais, seus enunciados terão mais visibilidade, pois seus seguidores irão compartilhar em suas respectivas redes e, assim, terá um número maior de replicações destes enunciados para que diversos sujeitos tenham acesso, sejam esses seus apoiadores ou não.

1.2 Ideologia e Sujeito

Os enunciados que hoje circulam pelo *Facebook*, além de possuir significativo efeito de verdade e poder, também é necessário considerar a presença de ideologia na construção de seu conteúdo. Isso porque muitos sujeitos criam perfis com a finalidade de propagar sua ideologia, seja ela política ou de ódio, com intuito de persuadir os sujeitos/leitores que os seguem.

Ao surgir meios de reproduzir seu posicionamento nas redes sociais, para milhares de outros sujeitos, ele retém uma considerável carga ideológica que se faz presente em seus discursos, a qual Benevides (2013, p. 91) identifica como “[...] uma força diretamente proporcional à tendência de aproximar a verdade e poder é precisamente o conceito de ideologia”, porque por meio dessa aproximação surge espaço para a ideologia que vem ao encontro com o pensamento e forma de agir de determinado sujeito.

Em face disso, relacionando a ideologia como uma ciência, Foucault (1979) aponta que não se deve pensar nos termos ciência/ideologia, mas sim em verdade/poder, haja vista que a intenção não é de libertar a verdade de todo um sistema, mas sim “desvincular o poder da verdade”, porque a consciência alienada ou a ideológica é a própria verdade.

A partir dos pressupostos de Michel Pêcheux, Orlandi (2005, p. 46) entende que a ideologia “[...] é a condição para constituição do sujeito e dos sentidos. O indivíduo é

interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer”. A autora ainda acrescenta que “Não há [...] realidade sem ideologia”. (ORLANDI, 2005, p. 48).

E, para Gregolin (1995, p. 17) ideologia é

[...] a visão de mundo de uma determinada classe, a maneira como ela representa a ordem social. Assim, a linguagem é determinada em *última instância* pela ideologia, pois não há uma relação direta entre as representações e a língua.

Notamos nas passagens de Gregolin (1995) e Orlandi (2005) que a ideologia liga o sujeito a condição de produção do enunciado e, conseqüentemente, a visão de mundo de uma determinada classe social, para que seja possível produzir um dizer. As autoras ainda apontam que não existe uma realidade sem que tenha ideologia, para elucidar ainda mais a condição que constitui o sujeito e os sentidos de um enunciado.

Isso porque segundo Orlandi (2005, p. 47)

O sentido é assim uma relação determinada do sujeito — afetado pela língua - com a história. É o gesto de interpretação que realiza essa relação do sujeito com a língua, com a história, com os sentidos. Esta é a marca da subjetivação e, ao mesmo tempo, o traço da relação da língua com a exterioridade: não há discurso sem sujeito. E não há sujeito sem ideologia. Ideologia e inconsciente estão materialmente ligados.

Orlandi (2005, p. 96) também nos aponta que “[...] a ideologia se liga inextricavelmente à interpretação enquanto fato fundamental que atesta a relação da história com a língua a medida em que esta significa”. Discorre que “[...] é uma relação necessária entre linguagem e mundo. Linguagem e mundo se refletem no sentido da refração do efeito imaginário de um sobre o outro”. (ORLANDI, 2005, p. 47).

Orlandi (2005) nos diz que o sujeito fará uso de todo o contexto ao seu redor para dar sentido a seus enunciados e emprega sua forma de pensar e com isso reproduz diversos tipos de enunciados.

Esses enunciados contendo discurso de denúncias ou de ódio, sempre estarão permeados de uma carga de racismo, xenofobia, homofobia, entre outros tipos. Esses sujeitos fazem uso do gênero discursivo chamado de *meme*, a fim de propagar suas ideologias através do *Facebook*.

Outro ponto que cabe relevância e que tem função de complementar os enunciados que circulam no *Facebook* são os comentários que outros sujeitos fazem sobre determinados assuntos que estão presentes nos *memes*. Foucault (2014) estabelece que esses casos são efeitos de multiplicadores de discursos, porque

O comentário conjura o acaso do discurso fazendo-lhe sua parte: permitindo-lhe dizer algo além do texto mesmo, mas com a condição de que o texto mesmo seja

dito e de certo modo realizado. A multiplicidade aberta, os acasos são transferidos, pelo princípio do comentário, daquilo que arriscaria ser dito, para o número, a forma, a máscara, a circunstância da repetição. O novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta. (FOUCAULT, 2014, p. 24-25).

Através dos comentários em determinada postagem em uma rede social, este tema poderá ser levado a um novo estágio do assunto, porque os sujeitos-usuários que ao verificarem a própria pode fazer uso do espaço destinado aos comentários e colocar uma informação que não foi dita na postagem, assim como também acrescentar dados/informações sem fundamentos.

Diante disso, estes usuários acabam sendo reféns de outro usuário que tem em seu poder o maior número de informações e, possivelmente, a verdadeira, e que reproduziu de forma interessada. Segundo Assunção (2017, p. 59) esse discurso “[...] ao ser enunciado ganha liberdade e seus sentidos nem sempre são compreendidos como ‘deseja’ o seu enunciadador”, que é o caso dos sujeitos que não possuem uma formação social e ideológica acerca do que estão compartilhando.

Em meio a tantas lutas, em busca da verdade presente nos enunciados que circulam pelo *Facebook*, é possível observar que os sujeitos travam uma luta com o intuito de demonstrar qual deles propriamente é o verdadeiro. Com isso, o sujeito que compartilhou inicialmente certo enunciado deixou seu sentido e sua ideologia, pois para esse primeiro sujeito o enunciado terá um sentido e, para os demais, terão sentidos diversos porque cada um irá interpretar o material propagado de uma forma determinada no enunciado.

A partir das leituras de Foucault, Fernandes (2012, p. 57) acredita que “todas essas lutas contestam formas de poder e têm lugar no cotidiano dos indivíduos, pois são justamente o que caracteriza em termos identitários e os tornam sujeitos” e, ainda, os mesmos autores acrescentam que as lutas “[...] contra a sujeição, contra formas de subjetivação e contra a submissão” (FERNANDES, 2012, p. 57).

Neste aspecto, é possível considerar que os enunciados são constituídos por uma ideologia para que o mesmo tenha sentido ao ser compartilhado. A partir disso, o sujeito ocupa uma posição que é condicionado pela ideologia em sua existência.

Já Fernandes (2012, p. 16) aponta que “o sujeito, por sua vez, é constituído por discursos historicamente produzidos e modificados; assim, como o discurso, o sujeito está em constante produção, é marcado por movências e é constituído pelos discursos”.

O sujeito, ao estar presente nas redes sociais, vai ocupar uma posição de locutor para que seus enunciados ganhem visibilidade e outros sujeitos (interlocutores) os compartilhem, porque quando esse interlocutor se depara com aquele conteúdo ou tema, e se este for

relevante, ele também compartilhará com outros sujeitos de sua rede de amigos. No *Facebook*, esses sujeitos ocupam a posição de administradores de páginas (*fan pages*) famosas como, por exemplo, *Dilma Bolada*¹, página humorística que parodia a ex-presidenta Dilma Rousseff, na qual o conteúdo compartilhado por seus administradores são todos de temáticas que envolvem ou envolveram a figura da ex-presidenta Dilma, e a referida página ganhou visibilidade e o gosto de vários sujeitos que visualizam diariamente os enunciados produzidos por seus administradores, atualmente a página conta com aproximadamente 1.706.632 seguidores².

Outros sujeitos, com posicionamento ideológico diferente, e por apoio a Jair Messias Bolsonaro (PSL), que atualmente ocupa o cargo de Presidente do Brasil, criaram a página intitulada *Bolsomito*³, uma página que apresentava em seu leque de enunciados o foco em discursos de ódio contra um partido político ou um político. Durante as eleições presidenciais de 2018, a página foi muito ativa, tendo muitos de seus enunciados compartilhados milhares de vezes por sujeitos que compactuavam com aquele conteúdo e ideologia.

Observamos, nos exemplos acima, que os sujeitos que são responsáveis por aquelas páginas no *Facebook* ocupam a posição de propagar a ideologia presente em cada uma das figuras políticas que eles defendem, seja a ex-presidenta Dilma Rousseff ou o presidente Jair Bolsonaro.

A partir do conteúdo produzido por esses sujeitos, Sylvestre (2013) aponta para

A possibilidade de inserção de conteúdo na internet e o aumento crescente das ferramentas de interação social e digital trazem essa hipótese sobre as Redes Sociais, enquanto espaço democrático e de livre acesso e manifestação, já que (teoricamente) qualquer pessoa pode disponibilizar qualquer tipo de informação a qualquer momento nas Redes. (SYLVESTRE, 2013, p. 84).

A liberdade que esses sujeitos exercem nas redes se apoiam na “liberdade de expressão” e se apoderam do discurso da democratização. Em sua maioria, sem se importar com quem está sendo afetado ou com as possíveis consequências de seus atos.

Portanto, observamos que o sujeito, através das relações sociais contendo diversas ideologias e posicionamentos, será afetado para que siga uma destas linhas de pensamento, chegando ao ponto de seguir com a propagação de discursos de ódio, como acontece com sujeitos que compactuam a ideologia estabelecida por Jair Bolsonaro (PSL) e candidatos

¹ Disponível em: <<https://www.facebook.com/DilmaBolada/>>. Acesso em: 15 abr. 2019.

² Dados coletados em 15 de abril de 2019.

³ Disponível em: <<https://www.facebook.com/2018bolsomito/>>. Acesso em: 04 jun. 2018. Em verificação no dia 15 de abril de 2019 constava que a página e seu conteúdo foram removidos da rede social *Facebook*.

ligados ao PSL durante as eleições de 2019, em que se observam discursos permeados de ódio e violência.

1.3 Enunciado e Acontecimento

Neste subitem abordaremos as noções de enunciado e também de acontecimento, pois as consideramos fundamental para a compreensão e entendimento da análise de nosso *corpus* de investigação.

Para Foucault (2017, p. 132), enunciado é “[...] uma unidade elementar que viria somar-se ou misturar-se às unidades descritas pela gramática ou pela lógica”, assim sendo, o enunciado é a unidade elementar do discurso. E acrescenta que o enunciado “Não pode ser isolado como uma frase, uma proposição ou um ato de formulação”. (FOUCAULT, 2017, p. 132).

Foucault aponta que o enunciado é uma unidade, a qual sua constituição soma, e assim, não se isola como uma frase, porque o enunciado sempre será constituído pelo seu entorno.

Diante disso, descreve um enunciado como algo que

[...] não significa isolar e caracterizar um segmento horizontal, mas definir as condições nas quais se realizou a função que deu a uma série de significados (não sendo forçosamente gramatical nem logicamente estruturada) uma existência, e uma existência específica. (FOUCAULT, 2017, p. 132).

Considerando este apontamento de Foucault (2017), o próprio autor salienta que o enunciado é fundamental para a existência da língua, pois, “Se não houvesse enunciados, a língua não existiria; mas nenhum enunciado é indispensável à existência da língua” (FOUCAULT, 2017, p. 103).

Segundo Foucault (2017), por mais que os enunciados sejam diferentes em sua forma, dispersos no que diz respeito ao tempo, eles vão formar um conjunto que, de qualquer forma, referem-se sempre a um mesmo objeto, pode ocorrer ser apresentado de formas distintas, mas estará fazendo referência a um mesmo objeto.

Contudo, o enunciado está relacionado com o sujeito, porém ele não é determinado por um sujeito que venha transmitir sua fala, isso porque antecede o próprio ato de uma elocução. Sendo que, esse sujeito que está presente no enunciado, segundo Foucault (2017) ganha um lugar considerado determinado, um lugar vazio, o qual vem a ser ocupado por

indivíduos discrepantes para poder obter uma formulação, enquanto o enunciado terá um meio para determinar a posição que esse sujeito ocupará.

Sendo assim, para Gaspar (2006),

Percebe-se que o sujeito enunciator se caracteriza pelo lugar e posição que ocupa no funcionamento discursivo [...], pois seu pronunciamento advém de diversas práticas estabelecidas institucionalmente; uma posição, uma vez que seu saber é oriundo de um domínio próprio do sujeito que enuncia. (GASPAR, 2006, p. 57).

Além disso, o enunciado pode ocupar um campo associado, porque é um conjunto de formulações que se refere para repeti-las, modificá-las, adaptá-las, pois não há enunciado que, de uma forma ou de outra, não reatualize para outra. Porque para Foucault (2017, p. 119),

O campo associado [...] faz de uma frase ou de uma série de signos um enunciado e que lhes permite ter um contexto determinado, um conteúdo representativo específico, forma uma trama complexa. Ele é constituído, de início, pela série de outras formulações, no interior das quais o enunciado se inscreve e forma um elemento.

Acrescenta-se, por hodierno, que esse enunciado terá uma existência material, pois para Foucault (2017, p. 123), “A enunciação é um acontecimento que não se repete; tem uma singularidade situada e datada que não se pode reduzir”.

Observamos que o enunciado será formado por uma materialidade definida, porque mantém junto com o sujeito uma relação determinada; possui um campo associado, o qual é o conjunto de formulações que o enunciado se refere; e também possui uma existência material por ele ser um acontecimento que não se repete, pois o mesmo possui uma singularidade que não se reduz.

Cabe salientar também que “[...] o enunciado não é uma unidade do mesmo gênero da frase, proposição ou ato da linguagem, não se apoia nos mesmos critérios; mas não é tampouco uma unidade como um objeto natural poderia ser, tendo seus limites e sua independência” (FOUCAULT, 2017, p. 104).

Desta maneira, corroborando com Foucault (2017), Joanilho e Joanilho (2011, p. 14) apontam que “[...] o enunciado não transcende o próprio discurso, ele o compõe, mas dentro de determinadas regras de formação e que são constituídas historicamente, quer dizer, nas práticas que se instituem em torno de objetos”.

Também compreendemos que o enunciado é uma “unidade formadora de um conjunto, o enunciado é uma função na medida em que ele distingue um conjunto de outro” (PRADO, 2014, p. 250). Com isso o acontecimento é uma das partes deste conjunto que tem como objetivo traçar a condição de produção do enunciado, sendo então complementares.

Segundo Gregolin (2006, p. 27) “O acontecimento é pensado como emergência de enunciados que se inter-relacionam e produzem efeitos de sentido”, e que ainda “compreende o enunciado em sua singularidade de acontecimento, em sua irrupção histórica” (GREGOLIN, 2006, p. 27).

Acontecimento para Pêcheux (2006, p. 17) é o “[...] ponto de encontro de uma atualidade e uma memória”. Por isso, ao se analisar um acontecimento tem que levar em consideração o modo que tal ato surgiu, foi percebido e circulado, para que o dado acontecimento se mantenha presente e atualizado através da memória.

Diante disso, Pêcheux (2006) traz a noção de acontecimento a partir do enunciado “*On a gagné*”⁴ o qual foi proferido pelo povo francês no dia 10 de maio de 1981, momento em que o candidato a presidente François Mitterand, pertencente à esquerda francesa, ganhou as eleições daquele ano (1981). Com este enunciado, Pêcheux (2006) nos apresenta o acontecimento discursivo.

Em se tratando do acontecimento discursivo, Pêcheux (2006, p. 21) diz que

A materialidade discursiva desse enunciado coletivo é absolutamente particular: ela não tem nem o conteúdo nem a forma, nem a estrutura enunciativa de uma palavra de ordem de uma manifestação ou de um comício político. “*On a gagné*” [“Ganhamos”], cantado com um ritmo de uma melodia determinados (*on-a-gagné/dó-dó-dó-sol-dó*) constitui a retomada direta no espaço do acontecimento político, do grito coletivo dos torcedores de uma partida esportiva cuja equipe acaba de ganhar. Este grito marca o momento em que a participação passiva do espectador-torcedor se converte em atividade coletiva gestual e vocal, materializando a festa da vitória da equipe, tanto mais intensamente quanto ela era mais improvável.

A partir deste acontecimento presente na eleição francesa para presidente, Pêcheux nos trouxe um exemplo de acontecimento discursivo, porque diante deste acontecimento foi possível refletir nas discursividades que estavam em volta do acontecimento, isso se dá porque “[...] o confronto discursivo prossegue através do acontecimento” (PECHEUX, 2006, p. 20). Neste caso, o acontecimento a que ele se refere é o que ocorreu na Praça da Bastilha, após a vitória do presidente francês pertencente a esquerda francesa, o qual a maior parte do povo francês estava apoiando.

No que diz respeito ao acontecimento histórico, está presente no fato de que um candidato a presidente da França, pertencente a um partido de esquerda venceu as eleições, por este motivo podemos considerar o acontecimento como histórico.

Nesse sentido, Pêcheux (2006, p. 53) nos diz que

⁴ Significa “Ganhamos”.

[...] todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro (a não ser que a proibição da interpretação própria ao logicamente estável se exerça sobre ele explicitamente).

Possenti (2009, p. 125) aponta que um acontecimento ganha sua forma quando o mesmo começa a ser repetido, “[...] um acontecimento seria considerado como tal na medida em que ensejasse a sua retomada ou repetição”. Assim, observamos que o acontecimento também está ligado à memória e ao modo de repetição para que um determinado acontecimento se mantenha vivo. Ao tratar da memória de um acontecimento, Pêcheux (2007, p. 52) diz que

a memória tende a absorver o acontecimento, como uma série matemática prolonga-se conjecturando o termo seguinte em vista do começo da série, mas o acontecimento discursivo, provocando interrupção, pode desmanchar essa “regularização” e produzir retrospectivamente uma outra série sob a primeira, desmascarar o aparecimento de uma nova série que não estava constituída enquanto tal e que é assim o produto do acontecimento; o acontecimento, no caso, desloca e desregula os implícitos associados ao sistema de regularização anterior.

Tendo em vista o *corpus* que selecionamos, as noções de enunciado e acontecimento que ora apontamos serão profícuas para o entendimento e análise do tema que nos dispomos a analisar, isso se deve ao fato de ambas as noções se completarem, pois não há enunciado sem um acontecimento sem que se considere suas condições de produção.

2. DISCURSO POLÍTICO E SEUS DESDOBRAMENTOS

Dedicamos este capítulo para discutirmos o discurso político e seus desdobramentos e dividiremos o mesmo em quatro momentos: o surgimento e a formação do discurso político; discurso político na atualidade: as redes sociais como meio de compartilhamento de enunciados; a corrupção política e as denúncias de corrupção; e o discurso de ódio: seus reflexos em períodos eleitorais.

No primeiro momento, abordaremos sobre o discurso político de modo geral apontando sobre sua origem e como se formou. Tendo como base teórica os estudos de Eduardo (2014), Foucault (2008), Henry (1997) e Sargentini (2015).

Já no segundo momento, discutiremos como o avanço tecnológico proporcionou um novo rumo para o discurso político, pois o que antigamente levaria dias para ser propagado/transmitido, com o surgimento da internet, hoje se leva segundos para que sujeitos compartilhem seus enunciados, sejam eles textuais ou visuais. Para essa discussão, contaremos com os estudos de Brasil (2017), Sargentini (2015), Sylvestre (2013), Souza e Costa (2017), os quais contribuíram e ainda contribuem para o estudo da Análise do Discurso.

Em um terceiro momento, trataremos o discurso político e denúncias de corrupção. Discutimos sobre os possíveis danos que os atos de corrupção causam na sociedade. Contamos com a contribuição dos autores Martins (2008), Nye (1967), Rocha (2008), Silva (2011), cujos estudos são fundamentais para que possamos entender sua formação, e como se evidencia a corrupção e seus desdobramentos na sociedade, seja através de suas causas e/ou consequências.

Por fim, abordaremos sobre o discurso de ódio, que atualmente está sendo discutido tanto a nível acadêmico como também nos programas de TV por se tratar de um tema preocupante, pois milhares de pessoas fazem uso das redes sociais para disseminar esse tipo de discurso. Diante disso, nos propomos a discutir este tema, o qual sua discussão tornou-se imprescindível, considerando os acontecimentos ocorridos durante as últimas eleições presidenciais no Brasil. E, com isso é um tema importante para nossa pesquisa, como aporte teórico utilizamos os estudos de Carlos Júnior (2015), Ezequiel e Cioccarri (2017), Guimarães e Moura (2016).

2.1 O surgimento e a formação do Discurso Político

O discurso político pode ser considerado tão antigo, assim como a vivência do ser humano em sociedade, e podemos notar a presença do uso na antiga Grécia, isso porque naquela época “[...] o político era o cidadão que, responsável pelos negócios públicos, decidia tudo em diálogo, na praça onde se realizavam as assembleias dos cidadãos, mediante palavras persuasivas” (FERNANDES; PHILIPPSEN, 2012, p. 185). Com o passar do tempo, essa forma de discurso utilizada na Antiguidade necessitou de uma atualização para que se adequasse a uma determinada época, para que os governantes tivessem meios para alcançar a sociedade e traçar suas metas de governo.

Nesse sentido, muitos governantes fizeram uso do discurso político como ferramenta para governar, isso porque a partir do século XVI, o ato de governar ganhou um sentido próprio, segundo Foucault (2008, p. 164)

[...] a palavra “governar”, antes de adquirir seu significado propriamente político a partir do século XVI, abrange um vastíssimo domínio semântico que se refere ao deslocamento no espaço, ao movimento, que se refere à subsistência material, à alimentação, que se refere aos cuidados que se podem dispensar a um indivíduo e à cura que se pode lhe dar, que se refere também ao exercício de um mando, de uma atividade prescritiva, ao mesmo tempo incessante, zelosa, ativa, e sempre benévola. Refere-se ao controle que se pode exercer sobre si mesmo e sobre os outros, sobre seu corpo, mas também sobre sua alma e sua maneira de agir.

Também podemos incluir o poder pastoral, segundo Foucault (2008, p. 167) é “A relação pastoral, em sua forma plena e em sua forma positiva, é, portanto, essencialmente, a relação entre Deus e os homens. É um poder de tipo religioso que tem seu princípio, seu fundamento, sua perfeição no poder que Deus exerce sobre seu povo”. Ainda considerando Foucault (2008, p. 170), o autor acrescenta que “O poder pastoral é um poder de cuidado. Ele cuida do rebanho, cuida dos indivíduos do rebanho, zela para que as ovelhas não sofram, vai buscar as que se desgarram, cuida das que estão feridas”.

Porque, para o mesmo pesquisador, o poder pastoral é “[...]inteiramente definido por seu bem-fazer, ele não tem outra razão de ser senão o bem”. (FOUCAULT, 2008, p. 170).

Um exemplo do poder pastoral foi possível observar durante as eleições de 2018, pois o então candidato a presidente, Jair Messias Bolsonaro (PSL), o qual usou em diversos momentos de sua campanha um discurso conservador e religioso, o qual era apoiado por diversos religiosos. Um complemento deste discurso pastoral era veiculado em seu próprio slogan de campanha “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, e com este discurso de que

mudaria o país caso eleito aliado a diversos outros fatos, garantiu ao mesmo a vitórias nas eleições.

O discurso político tornou-se evidente, pois com a modernização do Estado foi necessário que as formas de se obter poder de governar fosse revolucionada, nesse caso, o discurso político passou a ser utilizado como meio de convencimento utilizado pelos governantes, com a finalidade de governar os indivíduos.

E, com isso, a presença do discurso político em todos os setores da sociedade liga-se ao poder que o sujeito possui, haja vista que este sujeito vem a ser vinculado ao governo, e usará o discurso político como ferramenta de dominação e convencimento do povo.

Nesse sentido, Henry (1997, p. 24), afirma que “[...] o instrumento da prática política é o discurso, ou mais precisamente, que a prática política tem como função, pelo discurso, transformar as relações sociais reformulando a demanda social”. O autor aponta que esse mecanismo pode ser utilizado por locutores como forma de persuadir seus interlocutores, simplesmente por ter apresentado a esses sujeitos propostas que contemplem suas necessidades.

Eduardo (2014, p. 463) afirma que “o discurso político é, por excelência, dotado de persuasão porque a persuasão é um dos aspectos mais importantes desse discurso”. Um exemplo evidente deste mecanismo pode ser visualizado em período eleitoral, em que a função do discurso político é de convencer o maior número de pessoas possível para que um dado candidato obtenha resultado favorável para que possa transmitir um perfil coerente com suas propostas e que realmente irá se concretizar ao final. E, neste período, os eleitores passam a ter o papel de enunciadores, porque também constroem um discurso político, isso porque a política nesse campo irá se legitimar com a fala de cada um destes eleitores (PINTO, 2005, p. 79).

Seguindo esse mesmo posicionamento a autora aponta que:

Todo discurso é um discurso de poder, na medida em que todos os discursos pretendem impor verdades a respeito de um tema específico ou de uma área da ciência, da moral, da ética, do comportamento, etc. Entretanto, o discurso político se destaca de todos neste particular, porque enquanto os outros tendem a deslocar seus desejos de poder, tornando-os opacos, o discurso político explicita sua luta pelo poder. (PINTO, 2005, p. 92)

Podemos observar tanto na fala de Henry (1990) como na de Pinto (2005), que mesmo no campo da política, o discurso é considerado um recurso fundamental para transformar as relações sociais, assim, como para manter o poder nas mãos de um único sujeito. Dessa

forma, o discurso político é mais uma ferramenta que esse sujeito terá a sua disposição, a qual servirá para impor (in)verdades a outros sujeitos.

As novas tecnologias de comunicação, consideradas vontades de poder, apontadas por Foucault (2014), ganharam força com a internet e com as redes sociais. Isso porque essas novas tecnologias possibilitam que um determinado sujeito tenha uma aproximação maior de vários outros sujeitos, com a finalidade de dominá-los por meio de seus enunciados.

Podemos ver evidências desses acontecimentos no cenário político, porque além de apoiadores a diversos candidatos ou políticos, que defendem e replicam suas propostas e pensamentos por meio das redes sociais, com o objetivo de agregar mais apoiadores a sua causa. Isso ocorre por quê

[...] nas redes sociais o indivíduo pode ser o que quiser, e nos parece que este mundo ilusório agrada muito mais do que a realidade na qual estamos inseridos, há uma necessidade em se estar em evidência (SOUZA; COSTA, 2017, p. 4).

Neste aspecto, Magnabosco (2009, p. 5) entende que “o discurso é produzido no interior de coerções, articulando-se, pois, com a noção de poder e de saber relacionadas às práticas discursivas”. Essas práticas discursivas ocorrerão no discurso político através das articulações dos sujeitos, para obterem maior número de sujeitos que acreditem em seus enunciados.

Considerando o aspecto histórico e ideológico do discurso político, Fernandes e Philippsen (2012, p. 187) salientam que “[...] com o passar dos anos se solidificou e se tornou a indústria do espetáculo, visto que a sociedade toda se tornou dependente da mídia”.

Ao inserir os aspectos históricos e ideológicos, há a necessidade de relatar que o discurso político não é solitário numa sociedade, mas estará sempre ligado à coletividade. Segundo Zampar (2014, p. 40) “[...] o discurso político não apenas se dirige ao coletivo, mas organiza esse coletivo, lhe imprime características, evidencia sua homogeneidade, lhe constrói um imaginário”.

O autor supracitado ainda acrescenta que

[...] o discurso político, ao enunciar para uma coletividade homogênea, constrói para essa coletividade um efeito de homogeneidade, de forma que, apesar das diferenças culturais, linguísticas, financeiras e políticas, são produzidos efeitos de sentidos em torno de um imaginário de Brasil enquanto uma unidade que responde a um único governo (ZAMPAR, 2014, p. 40).

Portanto, o discurso político, além de um grande índice de convencimento das pessoas, também é formado por uma coletividade, pois, para que seja necessária a atuação do discurso político na sociedade, se faz necessária a presença de seus pares para que surta efeito e que o

sujeito mantenha o poder sempre em suas mãos. E, também, cabe ressaltar que a sociedade vive em constante evolução, assim acontece com o discurso político que, para atingir novos horizontes, transita entre as novas tecnologias para se manter, em sua posse, o poder sobre determinados sujeitos.

2.1.2 Discurso político na atualidade: as redes sociais como meio de compartilhamento de enunciados

Diariamente circulam pelas redes sociais enunciados que transmitem o discurso político, fazendo com que este se torne mais evidente a cada dia. De certo modo isso ocorre

[...] devido ao seu poder de alcance mundial as redes têm proporcionado a mobilização e criação de grupos para manifestarem insatisfações em diversas esferas, social, política e econômica, como uma ferramenta de mudança social, compartilhando fotos, opiniões e vídeos (SOUZA; COSTA, 2017, p.2).

Considerando o surgimento de novas tecnologias que ficam à disposição para circulação de discursos, Sargentini (2015, p. 217) afirma que

o surgimento de diversas ferramentas tecnológicas criou a possibilidade de apreensão de todos esses materiais que são suportes do discurso político, simplificou a captação desses produtos de divulgação e, de forma inevitável, constrangeu a forma de produção do discurso político.

A autora estima que o surgimento de novas tecnologias possibilitou que o discurso político também ganhasse uma nova roupagem, o que acarretou o rompimento com os métodos tradicionais, os quais se faziam necessários à presença de dois sujeitos no mesmo espaço para que se concluísse o compartilhamento de ideais políticos.

Porém, agora com as novas tecnologias (fiquemos apenas com a internet e as redes sociais), não há necessidade destes sujeitos ocuparem o mesmo espaço físico. A autora ainda acrescenta que certamente essas novas tecnologias acabaram constrangendo o discurso político tradicional.

Neste sentido, Sylvestre (2013, p. 79) explica que a “[...] interação social mediada pelo discurso, nas Redes Sociais, constituem identidades múltiplas e papéis sociais que são desempenhados em contextos de situação onde há uma expectativa social específica de atuação em práticas discursivas singulares”.

É possível ter uma perspectiva do alcance desses discursos que estão sendo compartilhadas pelos sujeitos nas redes sociais através do quantitativo de seguidores que o mesmo possui. Conforme Sargentini (2015, p. 221) “[...] permite quantificar os seguidores ou as 'curtidas' no *Facebook*, os partidários de cada candidato seguem-no, e têm nisso a

possibilidade de dar visibilidade à militância”. A autora acrescenta que as redes sociais atuam “[...] como ferramenta de marketing político, ainda que seja tão recente, já expõem a dificuldade de atingir os eleitores que faltam nesta contagem antecipada dos votos [...]” (SARGENTINI, 2015, p. 222). E a finalidade destes discursos que circulam nas redes sociais é de propor uma relação próxima entre os sujeitos, no caso, o candidato e o eleitor.

No *Facebook*, é possível notar a presença de um sujeito que possui poder em relação aos demais através de enunciados com características de discurso político, esse sujeito acaba sendo dominante por defender um posicionamento político e passar a defendê-lo e considerá-lo verdadeiro, apresentando-o como a única solução para certas causas que o mesmo defende.

Desta forma, Brasil (2017, p. 55) acredita que “[...] imprimimos nele a qualidade de um discurso que não necessariamente é político, mas que, embora inscrito em um campo de atividade fora da ação política caracterizada como tal, afere significados sobre a coisa política”.

De acordo com Brasil (2017), muitos sujeitos fazem de discursos que em dado momento não é apontado como político, para que tenha um grande número de usuários que irão segui-lo, porém, após ele conquistar seu objetivo de persuadir um grande número de sujeitos, dará início ao compartilhamento de discursos com carga ideológica e política.

O surgimento deste novo tipo de produção de discurso político acaba desqualificando “[...] o discurso político tradicional por meio do humor e inaugura uma outra forma de participação política [...]” (BRASIL; SILVA; OLIVEIRA, 2017, p. 3).

Ocorre essa dispersão por chamar mais atenção dos sujeitos do que o meio antigo de propor o discurso político, pois o mesmo vai ganhando a credibilidade das pessoas por conta da facilidade de acesso que essas pessoas passam a ter e compartilhar com milhares de outras pessoas em um curto período.

Esse fato ocorre porque os enunciados com cunhos humorísticos “[...] exploram características específicas de determinados políticos ou das etapas da história pelas quais passam um país ou um governo” (POSSENTI, 1998, p. 110). Esse tipo de enunciado surge com a finalidade de unir um fato político com um humorístico, conforme salientou Possenti (1998), porque faz com que muitos sujeitos sigam o perfil ou página que publicou o referido enunciado.

Este novo formato de compartilhar os discursos políticos, conhecido como *meme*, ganhou a atenção de muitos sujeitos, pelo fato desse gênero discursivo transmitir seus enunciados com uma “[...] linguagem atrativa, muitas vezes, amparada no humor, e o caráter

visual dão a vantagem dos *memes* poderem ser consumidos em um período curto de tempo, fator positivo se levarmos em consideração as distrações da Internet” (FREIRE, 2016, p. 38).

Portanto, fica claro que a evolução das formas de comunicação chegou até o modo de se produzir e divulgar o discurso político, como podemos observar, primeiro veio o surgimento da internet e, conseqüentemente, a popularização das redes sociais fez com que se adaptassem a esse novo formato de discurso.

2.2 A corrupção política e as denúncias de corrupção

É comum, hoje, depararmo-nos com o termo “corrupção” em manchetes dos jornais ou telejornais, e muitas vezes ligado à política, seja por conta de desvio de recursos públicos ou para favorecer algum político, empresário ou empresa. Mas, afinal, qual sua origem e o contexto em que surgiu o termo corrupção?



Figura 1 - Corrupção é vista como maior problema do país⁵.

Na reportagem acima, datada de 2015, o autor fala sobre a corrupção e traz como suporte uma pesquisa do Datafolha, que aponta que a corrupção no Brasil é vista como o maior problema para o país, devido à mesma estar afetando toda a sociedade.

Segundo Silva, a corrupção tem origem antiga:

[...] a corrupção, [...] sempre esteve presente na história do homem, porém, com o advento da globalização esta prática social se disseminou no mundo com o aumento das transações comerciais internacionais e o fluxo de capitais entre países (2011, p. 23).

⁵ MENDONÇA, Ricardo. **Pela 1ª vez, corrupção é vista como maior problema do país, diz Datafolha**. 2015. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2015/11/1712475-pela-1-vez-corrupcao-e-vista-como-maior-problema-do-pais.shtml>>. Acesso em: 21 nov. 2018.

Com isso, Martins (2008, p. 12) corrobora essa ideia afirmando que “[...] o termo corrupção serve como sinônimo para tudo aquilo que está desviado, errado, que não é correto nem adequado aos costumes de um povo”, ou seja, uma ação fora da normalidade de uma sociedade ou comunidade pode ser considerada uma forma de corrupção, como, por exemplo, o ato de furar uma fila ou ocupar algo que não lhe pertence.

Sobre o assunto, Martins (2008, p. 12) ainda aponta que

A palavra corrupção deriva do termo latino *corruptio/onis*, donde vem sua acepção primeira. Para o homem latino dos séculos I e II, o termo *corruptionis* tinha sua significação a partir da conjunção de outros termos: *cum* e *rumpo* (do verbo romper), significando romper totalmente, quebrar o todo, quebrar completamente. Então, *cum rumpo* ou *corruptionis* queria dizer a ruptura das estruturas, quando se destroem os fundamentos de algo, destruir algo.

O mesmo autor ainda pontua que tanto a origem do termo corrupção, como a origem de sua prática vem da antiguidade. O simples fato do sujeito romper ou se desviar por meio de atos considerados não adequados o torna um sujeito corrupto. E essas práticas são muito antigas, apesar de não levarem o nome *conduta corrupta*, porém sempre houve um sujeito no poder que fez uso de condutas incoerentes em favor de benefício próprio. (MARTINS, 2008).

Devido a origem deste termo ter sido na antiguidade, o mesmo não foi associado inicialmente ao contexto político, mas sim no contexto biológico, conforme aponta Martins (2008, p. 14) “A corrupção teve sua primeira designação num contexto biológico ou naturalista, e foi associada a um dos momentos do ciclo da vida, no instante em que o corpo começa a perder seu vigor, sua força, sua vitalidade e rumo para a morte”.

Dessa forma, essa imagem biológica que a corrupção possuía passou para o mundo político e social após o entendimento dos filósofos de que as cidades e os entes políticos também fazem parte dos corpos naturais. Bem como os corpos naturais, uma cidade ou um regime político “nasce, cresce, desenvolve-se, inicia um processo de degeneração e decadência e, por fim, morre ou desaparece” (MARTINS, 2008, p. 14).

Consequentemente, Rocha (2008, p. 45) conceitua que corrupção é

a variedade de condutas e práticas nocivas, situadas em âmbito político administrativo, que se caracteriza por um desvio de conduta de ordem criminoso ou não, que objetiva determinada vantagem indevida em detrimento do interesse coletivo.

Rocha (2008, p. 43) ainda conceitua que “a corrupção altera o estado das coisas, modifica, é um desvio de conduta quando se trata das relações humanas, indicando uma decadência moral e espiritual”. Outrossim, a autora nos mostra que a corrupção se insere na sociedade por meio do caráter do homem, já que somente o mesmo está corrompido, porém a

instituição que o mesmo pertence acaba tendo sua imagem manchada por não tomar a atitude de punir este homem, que faz uso de condutas imorais para beneficiar somente a si mesmo.

Joseph Nye (1967, p. 419) conceitua que a

Corrupção é o comportamento que se desvia das obrigações formais de um cargo público em benefício de interesses pecuniários ou de status que diz respeito ao mundo privado (seja um interesse pessoal, de um núcleo familiar e/ou parentes próximos, ou de um pequeno grupo de interesse); ou que viole regras contra o exercício de certos tipos de influência que o mundo privado possa exercer⁶.

E considerando o fato de que o sujeito cometa um ato considerado corrupto para que de alguma forma venha a obter benefício próprio, Martins (2008, p. 23) aponta que há duas maneiras de interpretar esse ato corrupto:

De um lado, por meio de uma leitura moralista, vendo nela uma decadência das virtudes do indivíduo, o que gera consequências nefastas para a sociedade. De outro, entendendo a corrupção como algo resultante das regras próprias do mundo político, sem maiores correlações com a moralidade do indivíduo.

Percebemos, nesses dois pontos que Martins (2008) apresenta, que quando o sujeito era visto cometendo algum desvio na sociedade, era um imoral por conta das regras sociais, mas quando este ato remete às regras da política, era considerado um ato normal.

Com isso, notamos que o ato da corrupção geralmente estará ligado a algum tipo de desvio de conduta. Os estudos de Martins (2008), Nye (1967), Rocha (2008) e Silva (2011) apontam que a conduta de um sujeito dentro de uma determinada instituição ou sociedade pode ser medida através de atos, pois no momento que essas condutas são vistas como errôneas, esse sujeito torna-se um sujeito corrupto.

Considerando estes apontamentos gerais sobre corrupção, cabe-nos apresentar o contexto da corrupção política no Brasil, pois se faz também necessário para nosso estudo, que será integrada em nossa análise, as questões de denúncias de corrupção.

É necessário salientarmos que nosso foco neste momento será na *corrupção política*. Os acontecimentos que abordaremos ocorreram no Brasil, os quais ganharam e ainda ganham a berlinda nos últimos anos por serem considerados casos polêmicos.

Neste viés, Rocha (2008, p. 61) destaca que:

A corrupção política também pode ser denominada como a dos *agentes políticos* [...] [porque] é aquela em que os homens e as mulheres munidos de mandatos temporários ou de cargos vitalícios atuam em atenção a seus interesses particulares, sem se importar com os interesses públicos.

Nesse sentido, Martins (2008, p. 21) corrobora apontando que:

⁶ Joseph Nye (1967, p. 419 *apud* MIRANDA, 2018, p. 241).

[...] não há corrupção política, o que há é uma corrupção de indivíduos que são políticos. E a solução para isso é simples: tenta-se investir na modalidade individual e valorizá-la, pois, pessoas moralmente corretas não permitirão o advento de casos de desvio de condutas.

Notamos nos apontamentos de Martins (2008) e Rocha (2008), que o sujeito, por ocupar determinada função na política, em algum momento cometerá atos imorais para que mantenha seu padrão de vida ou até mesmo para manter seu prestígio entre seus colegas da classe política.

Para adentrarmos nossa discussão sobre a corrupção política no Brasil, apontamos o conceito de corrupção construído por Miranda (2010, p. 27), em seus estudos que se trata de “[...] um conjunto determinado de práticas que implica em trocas entre quem detém poder decisório e quem detém poder econômico, visando à obtenção de vantagens ilegais para os indivíduos ou grupos envolvidos”.

Observamos que mais um autor aponta que a corrupção política estará sempre ligada ao favorecimento de um sujeito em troca de favores. E, no Brasil, não foi diferente, tornaram-se mais evidentes as investigações e punições de agentes políticos corruptos a partir do polêmico processo de *impeachment* do ex-presidente Fernando Collor (PRN) em 1992⁷.

No presente estudo demarcaremos este acontecimento como crucial para investigações de futuros casos de corrupção no Brasil. Esse caso do *impeachment* do ex-presidente Fernando Collor tornou-se um marco histórico de corrupção política que acabou sendo combatido e só foi possível “[...] porque o Legislativo cumpriu uma das suas funções institucionais: a de fiscalizar e punir membros do Executivo” (MARTINS, 2008, p. 61).

Ainda sobre a responsabilidade do Legislativo, Martins (2008, p. 61) acrescenta que “Não legislar e não fiscalizar configura uma omissão da parte dos parlamentares, o que implicaria uma passividade ou ausência. Entretanto, o problema aumenta quando, além disso, eles são os responsáveis pela corrupção política”.

Porém, esse processo de impedimento do ex-presidente Fernando Collor não foi o único no Brasil, durante o período de 2015 e 2016 ocorreu mais um processo de *impeachment*, desta vez de uma presidenta pertencente ao Partido dos Trabalhadores (PT), a

⁷ Para mais detalhes sobre este processo ver: STACCIARINI, Isa. *Entenda: em 1992 denúncias derrubaram o presidente Fernando Collor*. 2015. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2015/12/03/interna_politica,509077/entenda-em-1992-denuncias-derrubaram-o-presidente-fernando-collor.shtml>. Acesso em: 17 nov. 2018.

ex-presidenta Dilma Rousseff⁸, o qual também foi um longo processo e, assim, como o do Collor, foi polêmico e também resultou na cassação do mandato da presidenta Dilma, tendo como substituto do cargo de Presidente o vice-presidente Michel Temer (atual MDB).

Durante o período deste processo de *impeachment*, houve uma grande movimentação de ativistas e *ciberativistas*⁹ favoráveis e desfavoráveis a seu governo, em que aqueles favoráveis a seu governo apontavam que tal processo se tratava de um golpe contra o Governo Dilma.

Diante disso, apontamos que nos últimos anos, no Brasil, houve e ainda há grandes investigações correntes sobre casos de corrupção, em que políticos e empresas são investigados por condutas corruptas, como desvios de recursos públicos, favorecimento pessoal, enriquecimento ilícito, favorecimento de empresas em concessões de licitações em órgãos públicos.

Dentro das formas condutas corruptas apontadas acima, podemos mencionar os casos mais populares e polêmicos nos últimos anos listados pelo *Portal Uol Notícias*¹⁰, sendo eles: mensalão tucano, máfia dos sanguessugas, operação santiagraha, “atos secretos” do senado, mensalão do DEM, caso Erenice, escândalo do Ministério dos Transportes, caso cachoeira, máfia do ISS, cartel do metrô de São Paulo e operação lava-jato. Segundo aponta a reportagem, muitos dos envolvidos e investigados não foram punidos pelos atos corruptos.

Observando os casos citados acima nos é possível notar que a corrupção é um

[...] fenômeno pelo qual um funcionário público presta, mediante favorecimento em seu favor, favores em seu favor ou em favor de terceiros. A corrupção pode ser definida como utilização do poder ou autoridade para conseguir obter vantagens, e fazer uso do dinheiro público para o seu próprio interesse, de um integrante da família ou amigo (CONCEIÇÃO, 2010, p.1).

Corroborando com este posicionamento, Martins (2008, p. 110) explana que:

[...] esses inúmeros casos de corrupção que proliferam pelo noticiário, mais do que provocaram uma falsa sensação de corrupção generalizada, devem ser vistos como efeito de uma maior fiscalização da sociedade sobre os agentes públicos, ou seja, como sinal de vitalidade política.

⁸ CAPELO, Rodrigo; TARAKDJIAN, Giovana. **Entenda o processo de impeachment da presidente Dilma**. 2016. Disponível em: <<https://epoca.globo.com/tempo/noticia/2016/03/entenda-o-processo-de-impeachment-da-presidente-dilma.html>>. Acesso em: 17 nov. 2018.

⁹ “[...] é um termo recente e consiste na utilização da internet por grupos politicamente motivados, que buscam difundir informações e reivindicações sem qualquer elemento intermediário, com o objetivo de buscar apoio, debater e trocar informação, organizar e mobilizar indivíduos para ações e protestos, dentro e fora da rede”. (MARTINS, s/d).

¹⁰ UOL, Portal. **Pelo menos 11 escândalos de corrupção sacudiram país desde mensalão; relembre**. 2015. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2015/06/05/pelo-menos-11-escandalos-de-corrupcao-sacudiram-pais-desde-mensalao-relembre.htm>>. Acesso em: 21 nov. 2018.

Em se tratando da corrupção política no Brasil, segundo Martins (2008, p. 108), após o fim da ditadura militar, passou-se a falar mais sobre corrupção, pois antes deste período não se falava muito devido à ação violenta dos atores da ditadura. Ainda, de acordo com Martins (2008), só foi possível falar dos

[...] grandes casos de corrupção, os grandes escândalos, afloraram depois desse período, entre outros fatores por três grandes motivos: maior liberdade de imprensa, que pode denunciar os casos de corrupção sem a ingerência dos governos; atuação mais fortes dos promotores de Justiça do Ministério Público, que passaram a ter maiores atribuições; e, principalmente, uma maior participação política da população, que, com a redemocratização, passou a ficar mais atenta ao mundo político, exigindo maior transparência nas decisões. (MARTINS, 2008, p. 108-109).

Contudo, após esses apontamentos é possível chegar à conclusão de que a corrupção política envolve atos corruptos causados por agentes políticos, empresários ou servidores públicos com a finalidade de favorecer algum grupo político, através de vantagens em contratos ou propinas, e que esses atos irão gerar uma consequência e tal consequência causará danos para sociedade.

Adentramos nossa discussão expondo uma reportagem do jornal Folha de S. Paulo (figura 1), a qual demonstra que o assunto corrupção está cada vez mais sendo discutido nos noticiários e que a cada dia surge uma nova investigação sobre atos corruptos, e com isso sabemos que esses atos geram consequências para toda a população de um país, no nosso caso o Brasil, pois faltarão recursos que seriam para serem aplicados em benfeitorias em prol da sociedade, investimentos esses que são desviados por sujeitos corruptos.

Rocha (2008, p. 92) aponta nesse sentido que:

A corrupção é extremamente devastadora, já que é, por meio dela, que se verifica o aumento dos custos das contratações públicas, a manutenção de nepotismo e debilidade do serviço público, comprometendo a democracia e seus pressupostos basilares.

Um exemplo do que a autora supracitada aponta é o caso da Máfia dos Sanguessugas ou Máfia das Ambulâncias¹¹, em que houve a compra de ambulâncias superfaturadas para beneficiar políticos por meio de propina. Nesse caso específico, o ato corrupto afetou a área da Saúde, uma vez que estes recursos poderiam ter um fim consideravelmente melhor com a compra de equipamentos de ótima qualidade e não equipamentos em condições degradantes, o ato corrupto não ocorreu apenas por parte dos agentes políticos, mas também por um cidadão comum, os empresários donos da empresa que aceitaram este desvio de conduta.

¹¹ G1, Portal. **Entenda como funcionava a máfia das ambulâncias. 2006.** Disponível em: < <http://g1.globo.com/Noticias/Politica/0,,AA1275111-5601,00-ENTENDA+COMO+FUNCIONAVA+A+MAFIA+DAS+AMBULANCIAS.html> >. Acesso em: 23 nov. 2018.

E isso levará ao que Rocha (2008, p. 92) considera de *efeitos invisíveis da corrupção*, porque segundo a autora “[...] um Estado corrupto nega a seu povo acesso à saúde pública e à educação eficientes e menos onerosas”. Foi o que aconteceu com o caso que mencionamos anteriormente, a prática do ato corrupto gerou muitos gastos e poucos benefícios a quem necessitava, o povo.

Seguindo esta mesma linha, Miranda (2007, p. 40) aponta que “[...] a corrupção é [...] um sintoma de que algo está errado com o gerenciamento do Estado [...]”, ou seja, quando há casos de corrupção tem que haver mais investigações, haja vista que tais ações podem estar colocando uma contenção em apenas um nível, e muitas vezes para que essas investigações ocorram em níveis mais baixos, estes “esquecem” dos demais, os quais também deveriam ser investigados para que houvesse uma transparência pública, pois os mais afetados por tais atos é a sociedade. E a consequência de todos esses atos corruptos, segundo Träsel, Erhardt e Juchum (2016, p. 10) chegará a um ponto que gerará a

[...] escassez da estrutura de qualidade da educação e da saúde pública, gerando insatisfação por todos que usufruem desses bens públicos. A população perante a isso se torna cada vez mais descrente para com aqueles que o representam.

Segundo Brei (1996, p. 110), essas práticas corruptas têm a função de beneficiar apenas aquelas pessoas que de alguma forma estão ligadas aos que fazem uso das condutas consideradas corruptas, para que obtenham benefícios a si próprios.

Com esses apontamentos, notamos que as consequências que todos os atos corruptos causados por agentes políticos e empresários afetarão apenas o bem-estar social da sociedade, pois recursos destinados a eles serão reduzidos após todo o afunilamento que ocorre ao passar pelas mãos dos agentes políticos.

Assim, levará a descrença da população e deixará a mesma com o pensamento e questionamento de que todos os políticos são corruptos, e que eles estão concorrendo para cargos públicos no legislativo com a finalidade de beneficiar a si próprios, e não a sociedade que o elegeu. E, para que os mesmos possam obter esses benefícios, praticam atos corruptos e até mesmo o nepotismo como forma de beneficiar seus familiares.

Nesse sentido, a *Revista Exame*, na sua versão *online*, traz uma reportagem apontando os “5 efeitos danosos da corrupção que você não vê¹²”, assinada por Marina Pinhoni, situação em que a jornalista aponta que

¹² PINHONI, Marina. 5 efeitos danosos da corrupção que você não vê. 2013. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/brasil/5-efeitos-danosos-da-corruptao-que-voce-nao-ve/>>. Acesso em: 05 dez. 2018.

Embora a indignação da população aconteça devido à conclusão óbvia de que os recursos desviados deveriam ser utilizados em áreas essenciais como saúde, educação e transporte, muitas vezes não há a consciência de que a prática da corrupção também esconde outras consequências tão sérias quanto esta. (PINHONI, 2013).

Observamos que a autora da reportagem aponta essas práticas, as quais muitas vezes a população não as vê, elas causam grandes consequências para a população no geral, somente para que os agentes políticos se beneficiem destes recursos desviados. Para Pinhoni (2013), os efeitos danosos são: multiplicação dos prejuízos, “contaminação” dos honestos, aumento da ineficiência, sensação de impunidade do cidadão e, desmoralização das instituições (e da democracia).

Na reportagem, Pinhoni (2013) aponta ainda apenas para danos que são causados em áreas consideradas essenciais, porém esses danos podem ser alcançados a outros setores, como o setor da economia. Conforme Padeiro (2017, 1),

A corrupção é maléfica porque se trata de um obstáculo que altera os mercados, cria vantagens altamente desiguais, diminui as projeções dos recursos das políticas públicas, implica em deformações no campo dos negócios e fortalece a cultura do superfaturamento com as transgressões e demandas inflacionadas.

Pelo apontamento de Padeiro (2017), notamos que outras áreas da sociedade passam a ser afetadas por conta de atos corruptos, porque infelizmente quando recursos de uma determinada área, como a da saúde, por exemplo, é desviado, outras áreas irão sofrer consequências severas, já que como a área da saúde pública é essencial para a população, recursos de outros setores acabam sendo alocados para suprir este déficit.

Os responsáveis por ato corrupto podem ser aqueles agentes públicos ou políticos que se apropriam de um cargo político apenas com a pretensão de satisfazer suas necessidades, enquanto quem realmente precisa, sofre com as consequências, e fica à espera de que um dia terá uma política justa e que tenha capacidade de punir atos corruptos ao invés de encobrir.

2.3 O Discurso de Ódio: seus reflexos em períodos eleitorais

Percorrendo nossas discussões anteriores até o presente momento, é necessário que abordemos o discurso de ódio, porque muitos sujeitos propagam o mesmo via redes sociais, visando manchar a imagem ou difamar um determinado grupo político. Podemos dizer que as consequências desses discursos podem ser graves, pois muitos desses sujeitos, emanados de ódio, por certo partido ou agente político, levam seu rancor para além das redes sociais,

chegando a atingir inocentes que também são vítimas, e que em sua maioria sequer sabe o porquê está sendo difamado.

Silva *et al.* (2011, p. 447) nos apresenta que

O discurso de ódio compõe-se de dois elementos básicos: discriminação e externalidade. É uma manifestação segregacionista, baseada na dicotomia superior (emissor) e inferior (atingido) e, como manifestação que é, passa a existir quando é dada a conhecer por outrem que não o próprio autor.

Para Ezequiel e Cioccarri (2017, p. 33) “[...] o discurso de ódio [...] é aquele que promove o ódio e incita a discriminação, hostilidade e violência”. Os autores ainda apontam que também podem ser considerados discursos de ódio “qualquer ato de comunicação que diminua, inferiorize uma pessoa, empregando aspectos passíveis de discriminação [...]” (EZEQUIEL; CIOCCARI, 2017, p. 33).

Schirmer e Dalmolin (2017, p. 4) denominarão esse discurso de *discurso de ódio biopolítico*, haja vista que “[...] reduz os indivíduos aos seus aspectos biológicos, como a cor da pele, a etnia, seu caráter de gênero, ou sua orientação sexual e considera esses aspectos inferiores”. Como notamos, além desses sujeitos disseminarem o ódio por um dado partido ou cor representativa do mesmo, acabam atribuindo esse discurso por uma pessoa não compactuar os mesmos ideais ou por ter uma orientação sexual diferente deste sujeito.

As autoras ainda acrescentam que este discurso “é proferido por um grupo que se julga dominante e exclui o que considera diferente da sua perpetuação e da conservação de seus valores” (SCHIRMER; DALMOLIN, 2017, p. 4).

Esse discurso de ódio em período eleitoral fica mais escancarado, pois muitos sujeitos, sob o julgo da “liberdade de expressão”, expressam seu ódio contra residentes do norte e nordeste brasileiro ou de outras regiões, ressaltando estereótipos e cristalizando a desigualdade social. Guimarães e Moura (2016) fazem um estudo sobre essas questões ao analisarem os discursos de ódio contra nordestinos que circularam na rede social *Twitter*, os autores ainda discutem até onde pode se considerar que tal discurso está no âmbito da liberdade de expressão ou do discurso de ódio.

Segundo Guimarães e Moura (2016, p.15), esses tipos de discursos ocorrem porque muitos dos sujeitos que propagam esse discurso acreditam que ainda existe a política de votos de cabresto naquela região, com isso

[...] o Nordeste [...] carrega esse estereótipo no qual persistem essas relações sociais baseadas na política do voto como troca, na espera por uma recompensa; num Nordeste sem lei, que sustenta relações de violência, e, portanto, não civilizadas ou adequadas ao contexto nacional.

Partindo desse pressuposto, autores supracitados apontam que o “[...] discurso de ódio pode ser entendido como a manifestação da intencional ofensa e discriminação a determinado(s) grupo(s)” (GUIMARÃES; MOURA, 2016, p. 21). Como ocorreu e infelizmente ocorre em período de eleições presidenciais.

Com isso, Venturini e Scherer (2017, p. 169) corroboram apontando que “[...] discurso de ódio é mais do que um discurso de oposição, pois a sua repetição e a sua expansão têm colocado em risco a liberdade de expressão, promovendo uma divisão entre dois domínios antagônicos [...]”. As autoras destacam essa formulação relacionando os sujeitos que são favoráveis e os não favoráveis ao Partido dos Trabalhadores (PT), associando-os de vermelhos e não vermelhos.

Esses casos de ódio entre as pessoas por motivos considerados torpes só demonstram a fragilidade que há em um sujeito que não é capaz de aceitar que existem outros posicionamentos além dos dele.

Em alguns casos, o discurso de ódio está ligado também ao discurso autoritário, segundo Carlos Júnior (2015, p. 6): “O discurso autoritário estimula divisões entre elementos de uma sociedade com a finalidade de conquistar o poder e conservá-lo”. Assim, além do discurso autoritário propagar o discurso de ódio, os sujeitos querem sempre conquistar o poder e conservá-lo em suas mãos, mesmo que custe a liberdade de outras pessoas que passam a serem suas vítimas, tal qual, como já abordamos, o caso dos nordestinos em épocas de eleições.

O autor ainda explica que esse tipo de discurso tem a função de beneficiar apenas uma certa parcela de sujeitos que de certa forma “[...] se apegam ao poder e usam qualquer meio para propagá-lo entre seus seguidores” (CARLOS JÚNIOR, 2015, p. 13). Somente com um fim, o de propagar o seu discurso perante uma dada comunidade, seja, por seu posicionamento político ou se a mesma foi “responsável” por gerar um grande número de votantes em uma eleição.

Segundo Ezequiel e Ciocari (2017), quando ocorre grande proliferação de discursos de ódio durante o período eleitoral, põe em risco e afeta a qualidade democrática durante as eleições para determinados cargos políticos, por existirem certas posições ideológicas que são consideradas agressivas.

As pessoas, ao compartilharem ou fazerem uso do discurso de ódio nas redes sociais, acabam esquecendo o lado da pessoa que sofrerá com tal discurso, haja vista que sabemos que este discurso é uma forma de difamar, ofender e discriminar outras pessoas ou residentes de uma determinada região.

E esses discursos podem causar danos maiores dependendo da popularidade dos sujeitos que os proferirem, pois existem seguidores desses sujeitos que preferem a violência ao invés do respeito. Desta forma, Silva *et al.* (2011, p. 449) apontam que:

Quando uma pessoa dirige um discurso de ódio a outra, a dignidade é vulnerada em sua dimensão intersubjetiva, no respeito que cada ser humano deve ao outro. Mas não só isso. No caso do discurso odioso, vai-se além: é atacada a dignidade de todo um grupo social, não apenas a de um indivíduo. Mesmo que este indivíduo tenha sido diretamente atingido, aqueles que compartilham a característica ensejadora da discriminação, ao entrarem em contato com o discurso odioso, compartilham a situação de violação.

Portanto, inferimos que o discurso de ódio é um dos desdobramentos do discurso político, o qual consideramos a consequência mais severa presente nesse ambiente, e que o mesmo vem proliferando pelas redes sociais e até mesmo praticado em ambientes públicos, seja ofendendo pessoas verbal e até fisicamente. Tudo isso ocorre, muitas vezes, para defender ideais, de um ou outro partido. Essa é uma violência que nem mesmo os próprios políticos estão ilesos, como notamos nas eleições presidenciais em 2018.

3. AS DENÚNCIAS DE CORRUPÇÃO E OS DISCURSOS DE ÓDIO

Neste capítulo, focamos em analisar o *corpus* de pesquisa selecionado, que foram coletados através das redes sociais, os quais, para nossa análise, denominamos de enunciados. Para garantirmos e situarmos o que nos propomos analisar e também possibilitar o alcance de nossos objetivos, dividimos o trabalho em dois momentos.

De início nos propomos a apresentar a condição de produção em que os enunciados selecionados foram constituídos e, assim, pudéssemos apontar as condições de produções dos mesmos. Com isso será possível observar as particularidades que cada enunciado tem, pois os sujeitos que os (re)produziram possuem formações ideológicas e colocarão suas particularidades e compartilhará nas redes sociais.

Destacamos, em um segundo momento, o florescimento de toda atenção que dedicamos para que a relevância da pesquisa proposta ganhasse forma, pois objetivamos traçar análises a partir de dois tipos de discursos que têm circulado diariamente pelas redes sociais tanto em nível nacional, como também global, sendo eles, os enunciados que contêm os discursos com denúncias de corrupção e também os enunciados construídos a partir dos discursos de ódio.

3.1 As condições de produção e o método

Os dados que nos propomos a apresentar nesta pesquisa foram coletados na rede social, *Facebook*, em páginas aleatórias com base nos temas que nos propomos analisar, mas que possuem influência entre os usuários por terem uma “boa reputação” com relação ao número de pessoas que a curtiram ou seguiram-na, pois é desta maneira que é medida a dimensão de uma página ou perfil social.

Estes enunciados selecionados circularam e foram compartilhados milhares de vezes no período de 2016 a 2018, os quais referem ao período do Processo de *Impeachment* da ex-presidenta Dilma Rousseff (PT) e o período em que seu vice, Michel Temer (MDB), assumiu o governo após aquela ter sido condenada em todas as instâncias, e também ocorrências durante o período eleitoral de 2018 dentre os meses que antecederam a ida dos brasileiros às urnas para o primeiro e segundo turno, respectivamente em 7 e 28 de outubro.

Nesse período (2016-2018), no Brasil, houve diversas formas de manifestações contra os políticos que ocupavam o atual governo, sendo que muitos dos manifestantes também estavam estampando as capas dos principais jornais no país. E com o uso das redes sociais

ganham manifestações através da internet, tanto de grupos apoiadores como também de opositores, como é possível visualizar nas figuras abaixo:



Figura 2 - Manifestações pró-governo. Fonte: BATISTA (2016)



Figura 3 - Manifestações contra o governo. Fonte: BATISTA (2016)

E considerando aquele momento que a política do Brasil estava vivendo, foi possível observar diversas manifestações no *Facebook* em forma de *memes* tanto contendo discurso de denúncias como também discursos de ódio que os sujeitos que os produziram manifestavam tanto contra políticos como também contra uma determinada região do país.

Diante destas diversas manifestações foi possível coletar de inúmeros *memes* nas redes sociais, e selecionamos os que mais se enquadrariam com a temática que pretendemos

abordar nesta análise, que no momento são os enunciados com denúncias de atos corruptos e discurso de ódio.

3.1.1 O *meme* como gênero discursivo digital

Antes de adentrarmos em nossa análise, pontuamos sobre a característica do gênero discursivo digital, o *meme*, o qual é o objeto base de nossa análise e os traços presentes neles nos levou a chamá-los de enunciados em nosso estudo.

Com a atual importância que as redes sociais têm no dia a dia das pessoas até a forma de fazer humor mudou, com a ascensão das atuais tecnologias, os gêneros discursivos também ganharam uma nova roupagem, como é caso dos *memes*, que surgiu com a finalidade de fazer piadas em um novo formato através de imagens, as quais tornam-se populares ao se viralizar entre os usuários das redes sociais.

O surgimento do termo *meme* se deu através de estudos ligados a genética, do biólogo e escritor britânico, Richard Dawkins, o qual relacionou o termo em seu livro publicado em 1976, intitulado “*O gene egoísta*”, onde o biólogo referiu ao termo com relação à capacidade dos genes em replicarem-se e reproduzirem em uma seleção natural. Com isso este pesquisador se apropriou do termo “*mimeme*”, que tem sua origem grega e que significa tudo o que pode ser imitado, desta forma, o geneticista associou o termo para dizer que os genes se replicavam e que transmitiam as informações relacionadas aos aspectos genéticos que os seres humanos possuíam. (GUERREIRO; SOARES, 2018).

Seu aparecimento e utilização na internet através das redes sociais é indefinido, mas houve uma ascensão de seu uso por volta dos anos 2000, a partir deste momento ganhou forma por replicar acontecimentos do cotidiano com um formato humorístico sobre o tema abordado e, assim, ganhando vida a partir do uso diário nas redes sociais com a finalidade de propor bordões ou até interpretar uma cena do cotidiano de forma humorística.

Segundo Guerra e Botta (2018, p. 1863) o termo *meme* ganhou nova vida com a ascensão das redes sociais, diante disso as autoras pontuam que

Na internet, os *memes* são mensagens insistentemente reproduzidas e propagadas através das redes sociais, podendo ser modificadas, mas mantendo alguma identificação com a mensagem original, fomentando interações entre indivíduos. São formas de comunicação rápida, utilizadas repetidamente na internet. Podem ser compostas por uma imagem ou montagem, associada a uma gíria ou bordão.

Conforme as autoras nos apresentam, os *memes* surgem também com importância dentro do gênero digital, o qual tem como finalidade propor uma comunicação mais rápida

entre os sujeitos que navegam pelas redes sociais e que, no momento em que a mesma se torna repetitiva, mostra que ganhou visibilidade. E que seu conteúdo geralmente é formulado por imagens contendo bordões ou gírias.

Segundo Recuero (2007), os *memes* se propagam na internet por meio das redes sociais e impactam na interação entre os sujeitos a partir do momento em que os replicam, pois, uma vez que entendem a mensagem, compartilham para que outros sujeitos tenham acesso a determinado conteúdo. Isso ocorre porque foram influenciados e tentados pelo assunto que os mesmos continham.

Assim sendo, Guerra e Botta (2018, p. 1865) nos dizem que os *memes*, por serem um dos tipos de postagens possíveis para serem compartilhados nas redes sociais, e assim, como qualquer outro tipo de mensagem “ele também é carregado de posicionamentos e ideologias, e esse poder discursivo está ligado ao impacto que o usuário causa ou visa causar na rede”.

E com isso podemos dizer que uma das funções do *meme* é fazer alguma piada ou provocação com frases curtas ou somente imagens que remeta para algum acontecimento, o que faz com que tenha uma carga semântica irônica, sarcástica e humorística.

Muitos autores consideram os *memes* como um novo gênero discursivo, porque apresentam uma peculiaridade a parte por estar presente no meio digital, e que circula e se reinventa através das redes sociais onde os mesmos circulam com mais frequência e, assim, ganham visibilidade ao serem compartilhados por sujeitos que o criaram ou por outros que consideram o tema do enunciado transmitido.

Diante destes aspectos, Marcuschi (2002, p. 19) caracteriza-os

[...] como eventos textuais altamente maleável, dinâmicos e plásticos. Surgem emparelhados a necessidades e atividades socioculturais, bem como na relação com inovações tecnológicas, o que é facilmente perceptível ao se considerar a quantidade de gêneros textuais hoje existentes em relação a sociedades anteriores à comunicação escrita.

Somando a esse apontamento, Castro (2017, p. 26) admite que “a facilidade que o meio digital proporciona à circulação e ao surgimento de novos gêneros textuais e usos da língua”, como é o caso dos gêneros discursivos digitais que com o avanço tecnológico se adaptaram e evoluíram, fazendo com que muitas pessoas tenham acesso ao mesmo.

E, assim, tornou-se um ato cultural a presença desses novos gêneros discursivos no dia a dia das pessoas, os *memes*, além de trazerem bordões ou gírias em sua constituição, também traz informações sobre determinado tema ou acontecimento. Com esse fator cultural que esses gêneros carregam, Brait (2005, p. 158) conceitua que “Os gêneros discursivos concebidos

como uso com finalidades comunicativas e expressivas não é uma ação deliberada, mas deve ser determinado como manifestação da cultura”.

Nesse sentido, segundo Bakhtin (1997) cada esfera que a língua passa a ser utilizada, seus tipos de enunciados considerados estáveis passam a ser denominado gêneros do discurso, como ocorre com os *memes*.

Diante dos pontos que elencamos sobre os *memes* e a importância que os mesmos têm junto às redes sociais, contando com esse aspecto, trabalharemos com enunciados que foram construídos neste formato para serem facilmente compartilhados na internet, e com isso tomamos alguns destes como nosso *corpus* de pesquisa.

Por terem em sua formação o objetivo de atingir milhares de sujeitos através de seu conteúdo com tom humorístico e ao mesmo tempo possuindo uma carga semântica e ideológica muito forte será possível alcançar nossos objetivos.

O *meme* é o gênero discursivo condizente com nossa proposta de investigação, porque são enunciados curtos que proporcionam uma rápida circulação através das redes sociais, que facilita ao sujeito atingir os objetivos que almejava no momento que o produziu.

3.2 Análise do *corpus* selecionado

Neste momento teceremos nossa análise através dos enunciados que coletamos no decorrer de nossa pesquisa, os quais foram construídos por sujeitos que tinham como objetivo compartilhar em páginas ou perfil no *Facebook* com outros sujeitos, os quais têm o mesmo posicionamento discursivo.

O fato de estarem apoiados em uma determinada página de forma anônima faz com que esses sujeitos disseminem o ódio sem que tenha alguma punição por parte das autoridades que investigam estes tipos de crimes, pois disseminar o ódio é considerado crime.

O posicionamento de cada um desses sujeitos é constituído através da formação ideológica que cada um possui, e desta maneira, “o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer” (ORLANDI, 2005, p. 46). E assim, o sujeito que dissemina o discurso de ódio e não tem nenhuma punição, continua produzindo sua verdade a cada compartilhamento do enunciado que produz.

É possível notar que os enunciados que circulam nas mídias sociais têm ligação com páginas criadas para seguir uma posição discursiva específica, assim, como já mencionamos o exemplo das páginas que têm como finalidades compartilhar enunciados que fazem referência a Dilma Rousseff (Dilma Bolada) e de Jair Messias Bolsonaro (Bolsomito).

Diante do atual cenário de ascensão tecnológica, as redes sociais têm uma presença mais ativa na atualidade, elas também funcionam como ferramenta para manifestações e como meio para mobilização de um número expressivo de pessoas em poucos minutos. Nesse sentido, Recuero (2009, p. 79) aponta que “é possível que existam interações que visem somar e construir um determinado laço social e interações que visem enfraquecer ou mesmo destruir outro laço”, e a partir disso surgem sujeitos com a função de mobilizar e incitar as mobilizações de manifestações a partir das redes sociais, estes são nomeados de *ciberativistas*.

Com isso, esses sujeitos, partindo do pressuposto que vivem em um país democrático, têm a liberdade para fazerem críticas a algum político da maneira que considere melhor, mesmo que a forma que ele os faça não seja o ideal e tenha coerência.

Portanto, adiante analisaremos os enunciados divididos nos dois temas que nos propomos investigar, inicialmente com as denúncias de corrupção e logo na sequência com os que abordam o discurso de ódio. Lembremos que ambos os grupos trazem enunciados de cunho político, ou seja, remetem a algum político ou partido.

3.2.1 Denúncias de atos de corrupção cometidos por agentes políticos

Diariamente nos deparamos, nos noticiários, com denúncias de casos de corrupção, em sua maioria os envolvidos são políticos ou pessoas ligadas a eles, e a causa desses atos são, muitas vezes, para se obter privilégios em contratações públicas ou para benefícios de um determinado grupo político.

Esses casos afetam e trazem muitos transtornos para a população, e fica a sensação de que a corrupção está generalizada no meio político, gerando desconfiança na população em relação a seus representantes. Nessa perspectiva, Martins (2008, p. 110) ressalta que esses casos “[...] devem ser vistos como efeito de uma maior fiscalização da sociedade sobre os agentes públicos, ou seja, como sinal de vitalidade política”.

Esses enunciados, além de possuírem em seu interior denúncias de atos corruptos, não deixam de conter o discurso político e também de discurso de poder por parte do sujeito que deu início a circulação pelas redes sociais, porque “todo discurso é um discurso de poder, na medida em que todos os discursos pretendem impor verdades a respeito de um tema específico [...]” (CONCEIÇÃO, 2005, p. 92).

A figura 4, a qual apresentamos como primeiro enunciado, possui em sua construção dois acontecimentos, que juntos formam uma denúncia de corrupção cometidos por agentes

políticos por desviarem verbas que eram destinadas para benefício da sociedade, na divisão logo na parte superior mostra dois homens segurando uma faixa em uma manifestação, a qual traz a seguinte frase “Pessoas não Morrem nas Filas dos Hospitais!!! Elas São Assassinadas Pela Corrupção!”.

E na parte inferior, retratam o escândalo das malas de dinheiro¹³ em espécie que foram encontradas pela Polícia Federal (PF) em um apartamento ligado ao ex-ministro do Governo Temer, Geddel Vieira Lima – (MDB), em Salvador/BA, durante a *Operação Tesouro Perdido*, que é um desdobramento da *Operação Cui Bono*, a qual investiga fraudes na liberação de créditos da Caixa Econômica Federal (CEF).



Figura 4 - Malas de dinheiro.¹⁴

Esse sujeito que criou e compartilhou este enunciado ocupa a posição de sujeito-denunciante e faz as denúncias deste caso de corrupção por meio da página do *Facebook* intitulada *Estação Progresso*¹⁵, a qual é possível observar através de suas postagens que tem como objetivo expor denúncias de atos corruptos em forma de *meme*.

Desta maneira, este sujeito transforma este enunciado em uma verdade, pois ele aponta uma causa e uma consequência e ambas estão ligadas a um só acontecimento, o ato corrupto causado por agentes políticos. E isso foi possível a partir do momento em que ele juntou esses

¹³ Disponível em < <https://g1.globo.com/politica/noticia/policia-federal-encontra-dinheiro-em-apartamento-supostamente-utilizado-por-geddel.ghml> > Acesso em: 10 jan. 2018.

¹⁴ Disponível em < <https://www.facebook.com/estacaoprogressooficial/photos/a.365018423866119/472176633150297/?type=3&permalinkPage=1> >. Acesso em: 21 abr. 2019.

¹⁵ Disponível em < <https://www.facebook.com/estacaoprogressooficial/> >. Acesso em: 10 jan. 2018.

dois acontecimentos e, compartilhando com outros sujeitos através do *Facebook*, alcançou a marca de mais de 150 mil compartilhamentos¹⁶.

É possível notar através deste enunciado que o sujeito faz denúncia do descaso com a saúde pública, indicando que os culpados são os agentes políticos, que, para fins de seus próprios interesses, desviam os recursos que eram destinados para melhorias dos hospitais, que é definido através do enunciado que consta em uma das imagens, sugerindo que “as pessoas não morrem nas filas dos hospitais”, mas que elas “são assassinadas pela corrupção” e os agentes políticos, no enunciado, acabam sendo representados pela figura do ex-assessor do Governo Temer, Geddel Vieira Lima.

O sujeito utiliza esses dois momentos para transmitir a seus seguidores sua verdade, mesmo que ambos sejam reais pertençam a condições de produção diferentes, porém é possível notar que o sujeito autor faz uma ligação aos dois acontecimentos com a finalidade de demonstrar que é apenas um.

Desta maneira, o sujeito-enunciador transmite mais uma forma de verdade para os demais sujeitos-interlocutores, porque por mais que os dois casos denunciados são de corrupção, eles não estão inter-relacionados diretamente, ou seja, não estão ligados ao desvio de recursos da saúde.

A segunda denúncia de corrupção que apresentaremos foi (re)produzida pela página *Corrupção Mundial Memes* (CMM), a qual possui um longo histórico de denúncias de atos de corrupção, que podem ser conferidas em sua *timeline*. Uma de suas características é que fazem críticas e denúncias com um humor sem partido, ou seja, estes sujeitos se abstêm de seguir uma linha partidária com intuito de produzirem e compartilharem enunciados de ambos os lados, de direita e da esquerda.

Neste enunciado (figura 5) retrata uma denúncia contra o ex-presidente Michel Temer (MDB), a qual tem seu acontecimento uma porção de gravações que foram divulgadas por vários jornais¹⁷, que continham conversas entre Michel Temer e os empresários Wesley e Joesly Batista, donos da empresa JBS. O sujeito denunciante, para elaboração deste enunciado, faz uma intertextualização deste acontecimento com um acontecimento que ocorre em um seriado intitulado “*13 Reasons Why*”¹⁸ e faz uma releitura através do enunciado “Os 13 porquês de Temer”.

¹⁶ Conferência ocorrida em 21 de abril de 2019.

¹⁷ Disponível em < <https://g1.globo.com/politica/noticia/veja-trechos-da-conversa-entre-temer-e-joesley-que-foram-recuperados-pela-pf.ghtml> >. Acesso em: 14 jan. 2018.

¹⁸ Ver < <https://www.minhaserie.com.br/serie/1294-13-reasons-why> >. Acesso em: 11 jan. 2018.

Na página do *Facebook* que coletamos o presente enunciado houveram poucas movimentações atingindo uma marca de aproximadamente 25 compartilhamentos e reações¹⁹, mas é possível notar que através deste número de interação que muitas outras pessoas tiveram acesso ao seu conteúdo por conta da quantidade de seguidos estes sujeitos que compartilharam possuem.

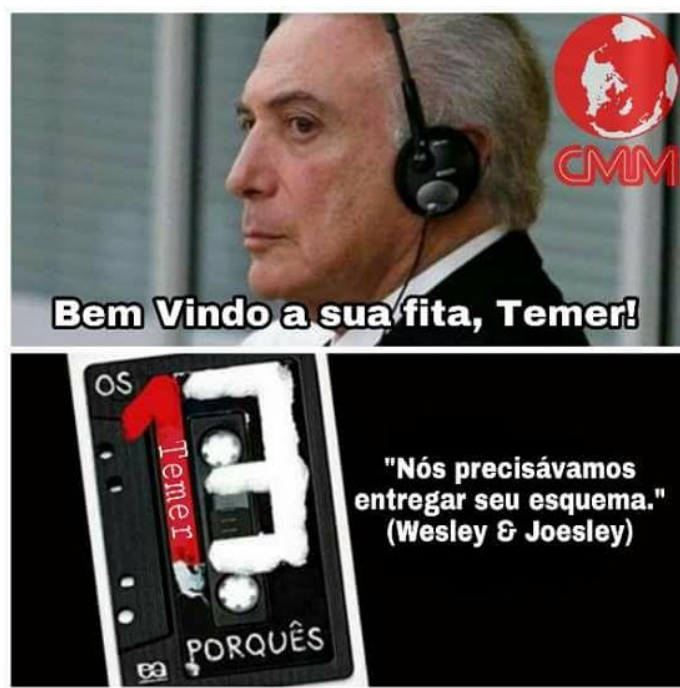


Figura 5 - Os 13 porquês²⁰

Com esses casos de denúncias de corrupção, conforme apontamos nos enunciados anteriores, e os que estão diariamente nos noticiários, podemos verificar que chega-se a um ponto em que o governo deixa que a corrupção se torne algo generalizado e sem a busca intensa de meios para combatê-la.

Este sujeito denunciante construiu este enunciado tendo conhecimento sobre os acontecimentos da série *13 Reasons Why*, e a partir dela fez uma releitura. No seriado, cada personagem, ao receber sua fita, tem uma revelação apresentada pela personagem principal e o personagem ao finalizar a fita cassete deve entregar ao próximo personagem citado.

¹⁹ Conferência ocorrida em 25 de junho de 2019.

²⁰ Disponível em <

<https://www.facebook.com/corruptcaomundialmemes/photos/a.1814229348837310/1861274890799422/?type=3&theater>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

Desta maneira, este sujeito-denunciante por sentir-se afetado com as denúncias de corrupção, faz a ligação de um acontecimento real (as gravações com conversas de Michel Temer), com o cenário que é vivenciado no seriado de TV.

Cabe lembrar que, após esse acontecimento, emergiram várias manifestações em Brasília, nas quais os manifestantes pediam a renúncia do ex-presidente. Houve também manifesto por parte da Ordem dos Advogados Brasil (OAB), a entidade chegou a protocolar o pedido de *impeachment*²¹ de Michel Temer (MDB), porém o mesmo negou que houve irregularidades e apontou que não renunciaria ao cargo.

A terceira denúncia (figura 6) foi publicada pela página Genildo²² no *Facebook*, este sujeito, por ser um artista, tem uma formação ideológica que o constitui diferentemente dos dois sujeitos anteriores e, com isso, sua forma de pensar é discrepante dos sujeitos-denunciantes das figuras 4 e 5.

Observamos no enunciado que o sujeito Genildo retrata um episódio em que o então presidente Michel Temer (MDB) vai ao médico para uma consulta de rotina e após ter um diagnóstico de seu estado de saúde, pergunta ao médico “E então, doutor o que eu devo fazer?”, diante desta indagação, o sujeito apresenta sua preocupação com a atual situação que o Brasil se encontrava, uma crise econômica, através da fala do médico, o qual responde a Michel Temer “Parar com o vício de sugar o sangue do contribuinte!”, e ainda através desta fala, assemelha Michel Temer com um vampiro, o qual é representado em filmes como uma criatura que suga o sangue dos seres humanos.

²¹ Disponível em <<https://www.conjur.com.br/2017-dez-24/gravacao-conversa-entre-temer-joesley-foi-destaque-maio>>. Acesso em :24 abr. 2019.

²² Disponível em <<https://www.facebook.com/genildo.vix/>>. Acesso em: 10 jan. 2019.



Figura 6 - Tanto Sangue vicia e entope!²³

O sujeito intitula o enunciado como “Tanto sangue vicia e entope!”, o qual tem como proposta denunciar o abuso de impostos que a população paga diariamente, que é a consequência da corrupção praticada por muitos agentes políticos para beneficiar a si mesmos e com isso a sociedade não tem retorno dos impostos que foram pagos.

Um governante, ao assumir um posto importante, vê recair sobre ele toda a responsabilidade das problemáticas enfrentadas pelo governo, mesmo que ele não tenha controle para que se resolva uma situação, como é o caso do questionamento que o médico faz à figura do ex-presidente em uma consulta de rotina.

Nesse sentido, Foucault (2008, p. 127) aponta que “[...] governar é, precisamente, a arte de exercer o poder na forma e segundo o modelo da economia”, ou seja, o presidente tem que ser capaz de controlar a parte econômica do país que está à frente para que a população não venha ter prejuízos por ele não ter zelado da parte econômica.

Foucault (2008, p. 127) ainda acrescenta que

[...] Governar um Estado será portanto aplicar a economia, uma economia no nível de todo o Estado, isto é, [exercer] em relação aos habitantes, às riquezas, à conduta de todos e de cada um uma forma de vigilância, de controle, não menos atenta do que a do pai de família sobre a casa e seus bens.

²³ Disponível em <

<https://www.facebook.com/genildo.vix/photos/a.161064260720282/915813825245318/?type=3&permPage=1> >. Acesso em: 10 jan. 2019.

Assim, como o sujeito aponta que é responsabilidade do governante controlar a economia do país, Foucault (2008) aponta sobre a forma que o governante tem que agir com as questões econômicas de um país.

Com os enunciados que trouxemos, nesta seção, observamos que, de alguma forma, os sujeitos que os criou e compartilhou nas redes assumem o papel de que eles têm em suas mãos a verdade e a reproduzem da maneira que acham melhor, como no primeiro enunciado (figura 4), em que o sujeito une duas situações assumindo que uma ocasionou a outra, mas em algum momento a falta de recursos que eram destinados para a saúde foi desviado, como foi o caso da máfia das ambulâncias.

Também existe o sujeito que compartilha aos demais um acontecimento semelhante e que poderiam chegar ao fim de um ciclo, como é possível observar no segundo enunciado, em que o sujeito assemelha o final trágico de uma série de TV com a renúncia do presidente do Brasil naquele momento, devido o conteúdo de gravações que circulou nos noticiários apontando como um político corrupto.

E temos também o sujeito que dá voz à população através de um personagem, para questionar o presidente sobre a situação econômica que o país estava vivenciando no período que o sujeito deu vida a seu enunciado.

Desta maneira, essas foram as alternativas que cada sujeito teve para denunciar diversos tipos de atos corruptos ou desatenção dos governantes, e ao compartilharem seus pensamentos em forma de enunciados nas redes sociais fez com que milhares de outros sujeitos ficassem atentos a determinado caso de corrupção que estava ocorrendo e sendo denunciado.

Nota-se que, contudo, as três denúncias que analisamos estão interligadas, pois remetem a um acontecimento em comum, a prática de atos corruptos, e mesmo por terem sido publicadas/compartilhadas em períodos diferentes, sempre estarão em evidência devido o fator histórico que cada um destes enunciados possui e que acompanham.

Por fim, através desses enunciados, os sujeitos ocupam a posição de denunciante e os mesmos ganham visibilidade na sociedade com esses *memes*, e ao serem compartilhados entre sujeitos ganham mais vitalidade, assim, tornando as denúncias de corrupção nas redes sociais mais frequentes. Com isso, é possível notar que muitos destes sujeitos buscam reconhecimento nas redes ao postarem esses enunciados.

3.2.2 O discurso de ódio e sua disseminação nas redes sociais

Nesta seção abordaremos os enunciados que foram (re)produzidos com a finalidade de expor o ódio a determinados sujeitos, e como nos propomos analisar enunciados políticos traremos alguns destes que remetem a figura do ex-presidente Michel Temer (MDB), os quais circularam e foram compartilhados nas redes sociais logo após assumir o cargo da ex-presidenta Dilma Rousseff (PT) que sofreu *impeachment*, assim, como enunciados sobre a ex-presidenta e ao ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT). Também apresentaremos um episódio que ocorreu durante as eleições de 2018.

O tipo de comportamento destes sujeitos que compartilham o discurso de ódio nas redes sociais é uma característica dos grupos contrários a um tipo de governo ou até mesmo um grupo étnico, por isso usam as redes sociais para disseminar o ódio e ainda utilizar a “liberdade de expressão” como defesa para suas ofensas. As autoras Schirmer e Dalmolin (2017, p. 7) apontam que “muitos grupos encobrem seus discursos de ódio com o véu do ‘é só a minha opinião’ ou ‘foi só uma brincadeira’ e invocando a liberdade de expressão para justificar seu direito ao ódio”.

O primeiro enunciado (figura 7) desta seção traz um episódio que ocorreu durante o período das eleições no Brasil, no ano de 2018, eleições que foram marcadas pelos discursos de ódio, os quais foram disparados tanto por candidatos como também por eleitores que apoiavam determinado partido.

O enunciado (figura 7) houve grande repercussão no Facebook. Como podemos notar que 35 minutos após sua publicação houve 115 reações, 227 comentários e 15 compartilhamento²⁴, com base nesses dados é possível apresentar que essa publicação foi bem repercutida entre os seguidores do sujeito que produziu. Ressaltamos que houveram outros sujeitos que também publicaram o mesmo enunciado em seus respectivos perfis, assim, dando mais amplitude a este tipo de publicação.

²⁴ Conferência em 08 de outubro de 2018.



Figura 7 - Discurso de ódio contra os nordestinos durante as eleições de 2018²⁵.

No enunciado da figura 7, nota-se a presença do discurso de ódio, no qual o sujeito profere o discurso em questão após o resultado do primeiro turno das eleições presidenciais de 2018, tendo como finalidade, atingir os eleitores da região nordeste do Brasil, isso porque a maioria deles votaram no candidato opositor e, com isso, esse sujeito-enunciador, por não residir nesta região, se autodenomina superior àquelas pessoas. O sujeito responsável pelo enunciado tem uma formação ideológica de direita, que não aceita que um candidato de esquerda tenha ganhado mais votos naquela região que seu candidato, considerado de extrema direita.

É possível observar que esses discursos de ódio nas eleições ganharam força a partir das incitações provocadas pelo então candidato à presidência Jair Bolsonaro (PSL), que a partir de uma de suas falas durante sua campanha em um ato no estado do Acre insinua que deve fuzilar o Partido dos Trabalhadores (PT), com a seguinte fala “*Vamos fuzilar a petralhada aqui do Acre.*” (*sic*) e essa fala e a divulgação por meio de vídeo nas redes sociais geraram diversos embates entre seus apoiadores e opositores.

Através deste episódio é possível notar uma contradição com relação ao seu lema de campanha “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, o qual aparenta ter caráter religioso, porém, na prática, o então candidato, na maioria de seus discursos, evocava o discurso de ódio e sempre mencionava os partidos políticos adversários de forma pejorativa ou a outros sujeitos que não o apoiavam, por exemplo, seus discursos contra a comunidade LGBT.

²⁵ Fonte: CN7, Portal. **Nordestinos são alvos de preconceito após resultado do 1º turno da eleição.** 2018. Disponível em: < <https://cn7.com.br/nordestinos-sao-alvos-de-preconceito-apos-resultado-do-1o-turno-da-eleicao/?fbclid=IwAR1jLEwE6IVXxScj2iaMs-1e2PNqpRHtVmi5YoVd293LvcW1s6xLeLmyOFs> >. Acesso em: 29 nov. 2018.

Voltando ao enunciado central, é possível notar através de uma navegação rápida pelas redes sociais, que houve inúmeros outros sujeitos que se apoderaram do enunciado sobre os nordestinos para espalhar sua ira contra os opositores.

Neste sentido, é possível observar através dos estudos de Guimarães e Moura (2016), intitulado “*Discurso de expressão, liberdade de ódio: o discurso de ódio voltado aos nordestinos nas redes sociais*”, que os nordestinos não são alvos de discursos de ódio somente durante as eleições, mas que constantemente nos deparamos com esse tipo de discursos voltados a eles, porque pessoas de outras regiões que não são do norte ou nordeste se apropriam de uma superioridade.

Ainda, os mesmos autores, Guimarães e Moura (2016, p. 17), salientam que esses casos de discursos de ódio são causados porque as redes sociais acabam sendo um canal de informação considerado livre, onde seus usuários podem usar a livre expressão para expor seus ideais e ideologias e tudo isso é garantido por esses sujeitos se sentirem livres no mundo virtual e, assim, “[...] as redes se tornam um campo facilitador para a elaboração de diversos discursos” (GUIMARÃES; MOURA, 2016, p. 17).

E diante disso, Silva *et al* (2011, p. 448) apontam que “[...] o discurso de ódio deve manifestar discriminação, ou seja, desprezo por pessoas que compartilham de alguma característica que as tornam componentes de um grupo”, como foi possível observar nas ocorrências do discurso proferido contra os nordestinos. As autoras ainda acrescentam que “a que insulta e a que instiga, tem-se que este discurso, além de expressar, procura aumentar a discriminação” (SILVA *et al*, 2011, p. 448).

O segundo enunciado (figura 8) selecionado apresenta uma contradição ao trazer a imagem de um cemitério, no qual tem a frase “Entra Temer” pichada no muro, e para completar um desejo do sujeito que o elaborou tem acima da imagem do cemitério a seguinte frase “Nem todo mundo é a favor de *FORA TEMER*. Temos que respeitar quem pensa diferente”. A contradição presente no enunciado é que ninguém deseja ou quer ir para o cemitério.

Através deste enunciado o sujeito que iniciou o compartilhamento aproveitou do momento que o ex-presidente estava passando por um momento delicado de saúde e complementou com um grito de grande parte da população por meio do enunciado “Fora Temer” que era evocado durante as manifestações que levavam o mesmo nome. Este enunciado contendo o discurso de ódio é um de vários outros que foram circulados nas redes sociais após Michel Temer assumir a presidência no lugar de Dilma Rousseff, a qual foi condenada durante o processo de *impeachment*.

O presente enunciado entra em um acontecimento discursivo. Embora aparentemente se diga, ironicamente, que o “Entra Temer” é um deslizamento do “Fora Temer”, os efeitos de sentido são os mesmos: a saída de Temer do governo, mesmo que seja pela morte, como sugere a figura 8.

Considerando esse apontamento com a aproximação das Eleições para presidente em 2018, observamos mais um deslizamento do “Fora Temer”, que foi o “Fica Temer”, o qual foi manifestado por milhares de pessoas por conta da candidatura de Jair Bolsonaro (PSL), um político que em seus discursos era permeado de extremismos e apologia à violência.

Este enunciado foi compartilhado milhares de vezes no *Facebook* e outras redes sociais, como o aplicativo de mensagens *Whatsapp*, em dos compartilhados foi a página *Conversa Afiada Oficial*, mas não tem a autoria do mesmo mencionado no enunciado, com isso é possível notar o posicionamento ideológico deste sujeito.

Na publicação desta página, há um grande envolvimento de seus seguidores, com comentários agressivos como o seguinte

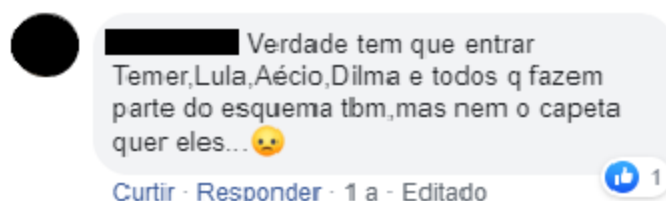


Figura 8 - Comentário com discurso de ódio.

Nesse comentário é possível observar que o sujeito que o produziu, além de Michel Temer, deseja a morte de outros políticos, certamente para ele todos os políticos citados são culpados pela situação atual do país e que também os consideram corruptos.

Vejamos a seguir o enunciado sobre a questão que aqui apontamos:



Figura 9 – Cemitério.²⁶

Este enunciado (figura 9) teve no Facebook 3,2 mil reações, 104 comentários e 1,4 mil compartilhamentos²⁷.

Como é possível notar no presente enunciado (figura 9) sua constituição aponta para um tom de discurso de ódio com um tom mais forte, porém podemos sugerir duas assertivas para o mesmo, porque se for considerar somente a parte verbal do enunciado o sujeito procurar ironizar o enunciado “Fora Temer/Entra Temer”, sugerindo uma morte metafórica ao ex-presidente Michel Temer (MDB), mas também é possível notar que o sujeito sugere que ele morra.

Quanto ao enunciado (figura 10) com o discurso de ódio presente e, desta vez, o mesmo faz menção aos ex-presidentes do Brasil, Dilma Rousseff (PT) e Luiz Inácio Lula da Silva (PT), o qual foi compartilhado inicialmente pela página *Fora Dilma*²⁸, mas por motivos desconhecidos, o enunciado foi removido da página, com isso outros sujeitos também foram compartilhados, como é o caso do Movimento Contra a Corrupção (MCC), assim, como o perfil pessoal do qual coletamos o *meme*.

Nota-se que este sujeito foi constituído ideologicamente com ideais contrários aos que o Partido dos Trabalhadores (PT) pratica e, por ser contrário, o mesmo faz uso das redes sociais para manifestar seu ódio contra este partido e políticos que compõem a sigla. E em

²⁶ Disponível em <

<https://web.facebook.com/Conversa.Afiada.Oficial/photos/a.484762271550639/2041179259242258/?type=3&theater> >. Acesso em: 10 jan. 2019.

²⁷ Dados coletados em 25 jun. 2019.

²⁸ Disponível em < <https://www.facebook.com/ForaDilma-855493611170222/?ref=ts&fref=ts> . Acesso em: 15 jan. 2018

uma de suas manifestações, faz uma construção discursiva onde retrata Lula e Dilma, como vilões, nomeando-os de diabo e sua cria.

Para que esse enunciado ganhasse forma, este sujeito parafraseia uma passagem bíblica para expor seu ódio aos ex-presidentes pertencentes ao PT, essa construção ocorre desta maneira, porque segundo Orlandi (2005, p. 38) “[...] a paráfrase é a matriz do sentido, pois não há sentido sem repetição, sem sustentação no saber discursivo [...]”.

Desta maneira, o sujeito parafraseia a passagem bíblica de Gênesis 2:22 – “E da costela que tinha tomado do homem, o senhor Deus fez uma mulher, e levou-a para junto do homem” (BÍBLIA, 2016, p. 65). Colocando como personagens Dilma e Lula, primeiro o sujeito coloca a frase “Deus fez a Eva da costela de Adão”, e repete a mesma oração substituindo a figura de Deus, Eva e Adão por diabo, Dilma e Lula, formando a frase “Será que o diabo fez a Dilma com o dedo do Lula?” e, assim, expondo seu ódio e, consequentemente, compartilhando nas redes sociais.

Nota-se que o sujeito faz uma construção discursiva em torno da figura de Deus e do Diabo, relacionando-o com Lula, pressupondo que o ex-presidente somente fez o mal durante seu governo e, assim, levando o mal para o próximo governo com a ex-presidenta Dilma Rousseff.

O sujeito, descontente com o governo, por ser contrário, personifica os sujeitos Lula e Dilma, como diabos, mas se olharmos para os noticiários, nacionais e internacionais, da época em que governaram será possível observar que ambos trouxeram muitas benfeitorias a milhares de brasileiros que não eram assistidos por governos anteriores. E como reflexo dessa assistência gera-se o ódio em outras pessoas, como, por exemplo, no acontecimento apresentado na figura 7.

Com isso, esse sujeito expõe desta forma seu ódio a esses políticos, e se concretiza porque “Todo dizer é ideologicamente marcado. É na língua que a ideologia se materializa. Nas palavras dos sujeitos”. (ORLANDI, 2005, p. 38).

Vejamos a seguir o enunciado que foi compartilhado no *Facebook*:



Figura 10 - Dedo do Lula²⁹

Esse *mem*e (enunciado) foi compartilhado nas redes sociais por milhares de sujeitos como forma de manifestações contrárias ao Governo Dilma, Lula e ao PT, ter políticos filiados ao partido envolvidos em grandes investigações de combate a corrupção. Além deste houve muitos outros *memes* contendo o mesmo teor, principalmente durante o processo de impeachment da ex-presidenta Dilma Rousseff, como aponta Sousa (2018, p. 66) que

Durante o processo de aprovação do impeachment da presidenta Dilma, o Brasil assistiu à exposição, sem restrição, de imagens e dizeres de desqualificação e ataques às mulheres como forma de convencer a população sobre o não preparo e a incompetência da presidenta.

Podemos ver claramente o que a autora apontou no enunciado acima, em que o sujeito que o elaborou tentou desqualificar a capacidade de governar que ambos possuíam, e atribuir a eles a figura de diabo e filha do diabo.

Existem outras variações deste enunciado que circulam pelo *Facebook*, como por exemplo, um que foi publicado³⁰ em um grupo de apoiadores do atual presidente, grupo este intitulado “#APOIADORES DO GOVERNO DO BOLSONARO PRESIDENTE DO BRASIL³¹”, e é possível notar através de seus enunciados compartilhados que indicam que os mesmos possuem uma ideologia que fazem referência a extrema direita e propagam o ódio contra os políticos do PT ou contra quem se opõe a seus ideais.

²⁹ Disponível em < <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1650721941649853&set=a.441616842560375&type=3&permPage=1> >. Acesso em: 15 jan. 2019.

³⁰ Enunciado disponível em < <https://goo.gl/Djpk55> >. Acesso em: 20 jan. 2018.

³¹ Disponível em < <https://www.facebook.com/groups/1624167294491597/> >. Acesso em 15 jan. 2019.

Além do enunciado verbal citado anteriormente, também podemos notar que o *meme* (figura 10) traz um enunciado não-verbal através da figura de um macaco em uma pose indicando que o mesmo está pensando, o qual remete ao monumento “O Pensador” de Auguste Rodin, porém, ao colocar o macaco o sujeito passa o tom humorístico para o *meme*, pois certamente ele espera risos por parte dos usuários ao visualizarem a imagem.

Possenti (2014, p. 148) diz que os discursos humorísticos “[...] nos diversos gêneros textuais em que se materializa, faz apelo a um saber, a uma memória – mas não necessariamente a uma cultura específica”, com isso é possível considerar que o sujeito que construiu o *meme* faz uma referência a uma pose clássica para formalizar sua crítica junto aos sujeitos que figuram o enunciado, Lula e Dilma.

Nesta seção abordamos enunciados que contém o discurso de ódio, os quais têm como um dos objetivos atingir outros sujeitos que os contrariam em seus ideais e diante disso, disseminam o ódio abertamente nas redes sociais, nas quais mantêm perfis reais ou *fakes*. E assim, foi possível notar através de nossa pesquisa que os alvos dos discursos de ódio em sua maioria são pessoas ligadas a um determinado partido ou até mesmo por apoiá-lo.

No entanto, podemos notar também através da figura 9, uma exceção, na qual o alvo deste discurso de ódio foi o ex-presidente Michel Temer (MDB) por ter assumido o governo e, o que eram apoiadores, tornaram-se opositores e também compartilharam enunciados contendo discurso de ódio contra o mesmo.

Portanto, foi possível notar que as redes sociais possibilitam que os sujeitos circulem abertamente enunciados carregados de discursos de ódio. Também cabe acrescentar que esses sujeitos que estão presentes nas redes sociais tenham consciência sobre a finalidade que essas redes foram desenvolvidas, que é a de (re)aproximar as pessoas e não a disseminação do ódio em nome da liberdade de expressão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação proporcionou um estudo sobre os discursos que entrelaçam nas redes sociais e no dia a dia de diversos sujeitos, pois a tecnologia foi desenvolvida para propor uma comunicação mais acentuada e próxima das pessoas. Porém, como foi possível observar através desta árdua pesquisa, hoje essas redes são utilizadas não somente para aproximar as pessoas, mas também para propor denúncias de corrupção e também um discurso mais agressivo, como os discursos de ódio.

Observando os recentes estudos acerca do discurso político e também sobre os discursos de ódio, salientamos que a presente dissertação somará a eles desde sua contribuição teórica como também dos objetos que nos propomos analisar. E que, assim como estas pesquisas influenciaram este estudo, o mesmo venha a contribuir com futuros estudos que pretendam analisar as denúncias de corrupção e discurso de ódio, dentro da Análise do Discurso.

É preciso retomar uma fala do estudo de Silva *et al* (2011, p. 448) em que as autoras apontam que o discurso de ódio tem como um de seus objetivos atingir a dignidade dos sujeitos que são os alvos dos enunciados (memes) isso porque “o discurso de ódio fere a dignidade da pessoa humana, característica essencial do homem individual e coletivamente considerado”.

No decorrer de nosso estudo foi possível cumprir todos os objetivos que nos propomos alcançar, e com isso possibilitou que identificássemos que há inúmeros sujeitos que fazem uso das redes sociais com a finalidade de exercer seu caráter ideológico, em que ocupam o poder que o mesmo conquistou ao expor sua verdade por meio de enunciados, os quais receberam o nome de *memes*, por possuir como característica o fato de ser um gênero discursivo curto e breve que pode ser circulado com tamanha velocidade e ganhar inúmeros interlocutores.

E foi possível, no decorrer da mesma, identificar e analisar os enunciados verbais e não verbais que nos deparamos em nossas buscas para obtermos o *corpus* que se adequasse e se encaixasse com nossos objetivos, obtivemos êxito nesse percurso, porque todo esse esforço pode ser observado principalmente no terceiro capítulo, no qual colocamos nossas análises e comprovação de que é possível existir certos exageros na utilização das redes sociais, pois tem muitos sujeitos que disseminam o discurso de ódio e, assim, extrapolam o limite do que é proposto como expressão de liberdade.

Nesse sentido, Schirmer e Dalmolin (2017, p. 5) nos diz que

A liberdade de expressão é comumente associada à ideia de manifestar livremente opiniões, ideias e pensamentos, porém é importante frisar que nenhum direito é absoluto, visto que esbarra em vários outros direitos e nos valores coletivos da sociedade.

Observamos na fala das autoras supracitadas que a liberdade de expressão é na maioria das vezes associada à ideia de que podemos manifestar livremente nossas opiniões, ideias e pensamentos, mas é preciso estar ciente que possuir liberdade para se expressar não significa que ofender pessoas é um ato de liberdade, pois ao ferir alguém com ofensas está ferindo a dignidade desta pessoa, ou seja, está cometendo um crime, como exemplo apontamos em nossa análise o estudo de Guimarães e Moura (2016), sobre os nordestinos, e também trouxemos uma situação (figura 7) que ocorreu durante as eleições de 2018, que foge da liberdade de expressão para o discurso de ódio.

Em nossa discussão sobre o discurso político e seus desdobramentos, expressamos a presença que esses enunciados têm ocupado na sociedade com as recentes evoluções tecnológicas, também discutimos sobre a corrupção política a qual são figuradas em nossas análises através dos enunciados com denúncias de corrupção.

A cada momento no decorrer do desenvolvimento desta dissertação e os passos seguidos desde a seleção do referencial teórico, a constituição do *corpus* reafirmava a importância do tema ao ser estudado com vistas à Análise do Discurso, pois através dos resultados obtidos nota-se que são importantes para uma reflexão ampliada sobre a maneira que os sujeitos de hoje utilizam as redes sociais, uma tecnologia que deu seu surgimento para criar uma teia imensa de interações, conforme apuramos não vem sendo utilizada da maneira correta, principalmente quando se trata dos enunciados mergulhados com discurso de ódio.

O que se refere aos discursos com as denúncias de corrupção, pode-se considerar válido, porém, que o mesmo seja proferido de uma forma que não venha distorcer os fatos constantes neles, como apuramos em um *meme* que, ao ganhar as redes, o sujeito que o produziu está compartilhando sua verdade, ou seja, a partir desse momento passa a ser uma verdade, seja ela formulada ideologicamente ou somente como forma humorística de retratar um acontecimento.

Considerando todos os aspectos aqui investigados, que apresentamos nesta dissertação, faz-se necessário mencionar a importância que a Análise do Discurso de linha francesa proporcionou para o entendimento e amadurecimento para compreender cada um dos enunciados que compôs nosso *corpus*, a qual foi necessária para o entendimento dos discursos e enunciados que nos deparamos diariamente, que vem em forma de *memes*, pois sabemos

que as redes sociais nos proporciona experiências novas e, assim, cabe ao interlocutor realizar sua leitura e interpretação.

Ressaltamos também que o gênero discursivo *meme* proporciona fazermos leituras imprescindíveis, pois são enunciados curtos que circulam rapidamente através das redes e com isso ganha diversas interpretações por diversos sujeitos que por serem constituídos pelo seu redor interpretará, conforme determina seu pensamento ideológico.

Assim, também destacamos através do primeiro capítulo as noções da Análise do Discurso que consideramos importante para o desenvolvimento do nosso estudo, frisamos também a importância dos estudos e legado deixado por Michel Foucault, que contribuíram e ainda contribuem diariamente para interpretarmos os discursos que nos rodeia.

E com isso, relembramos o que Foucault nos aponta em seu discurso na aula inaugural no *Collège de France* em 2 de dezembro de 1970, ao salientar que

[...] a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (FOUCAULT, 2014, p. 8-9).

Desta maneira, podemos cautelosamente observar que esses discursos que nos deparamos são frutos de uma condição de produção, em que o sujeito coloca seu posicionamento ideológico para compartilhar no *facebook*.

Sendo assim, acreditamos que, da mesma forma que outros estudos sobre os discursos aqui levados em consideração, a presente dissertação será profícua para futuros estudos dentro da Análise do Discurso, assim como já apontamos, este tem como função somar com os demais estudos.

REFERÊNCIAS

ASSUNÇÃO, Karina Luiza de Freitas. O sujeito, o discurso e a verdade. In.: ASSUNÇÃO, Karina Luiza de Freitas. **O sujeito, a subjetividade e a verdade em José Saramago**. São Paulo: Intermeios, 2017. p. 59-99.

BAGAGLI, Beatriz. **Conhecimento, Verdade e Discurso em Foucault**. (2015). Disponível em < <http://colunastortas.com.br/2015/06/10/conhecimento-verdade-e-discurso-em-foucault/> >. Acesso em 25 fev. 2017.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BATISTA, Liz. **Cronologia: protestos 2015 a 2016**. Disponível em: <<https://acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,cronologia-protestos-2015-a-2016,12157,0.htm>>. Acesso em: 23 abr. 2019.

BENEVIDES, Pablo Severiano. Verdade e Ideologia no pensamento de Michel Foucault. **ECOS: Estudos Contemporâneos da Subjetividade**. Campos dos Goytacazes (RJ), v. 3, n. 1, p.88-101, maio 2013. ISSN: 2237-941X. Disponível em: <<http://www.periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/view/1084/821>>. Acesso em: 15 abr. 2018.

Bíblia, A. **Gênesis 2:22**. 2 ed. Trad. Monges Beneditinos. São Paulo: Ave-Maria, 2016, p. 2224.

BRASIL, Livia Maia. **Memes imagéticos sobre as eleições de 2014: uma análise de discursos e representação política no Facebook**. 2017. 114 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Estudos da Mídia, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=4999609>. Acesso em: 10 set. 2018.

BRASIL, Livia Maia; SILVA, Josimey Costa da; OLIVEIRA, Emmerson Aguiar de. O que dizem os memes: discurso e representação política no Facebook. In: VI COLÓQUIO SEMIÓTICA DAS MÍDIAS, 6., 2017, Japaratinga. **Anais...**. Japaratinga: Centro Internacional de Semiótica e Comunicação – Ciseco, 2017. p. 1 - 14. Disponível em: <<http://www.ciseco.org.br/anaisdocoloquio/index.php/edicao-atual/253-o-que-dizem-os-memes-discurso-e-representacao-politica-no-facebook>>. Acesso em: 10 set. 2018.

BRAIT, Beth. **Bakhtin: conceitos chaves**. São Paulo: Contexto, 2005.

BREI, Zani Andrade. A corrupção: causas, consequências e soluções para o problema. **RAP: Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 3, p.103-115, maio 1996. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rap/article/view/8088/6904>>. Acesso em: 14 nov. 2018.

CARLOS JÚNIOR, José. **Estudo sobre discurso do ódio nas redes sociais durante o segundo turno da eleição presidencial de 2014 no Brasil**. 2015. 18 f. Monografia (Especialização) - Curso de Comunicação e Marketing em Mídias Digitais, Universidade

Estácio de Sá, Recife, 2015. Disponível em:

<https://www.academia.edu/12760321/Estudo_sobre_discurso_do_%C3%B3dio_nas_redes_sociais_durante_o_segundo_turno_da_elei%C3%A7%C3%A3o_presidencial_de_2014_no_Brasil>. Acesso em: 05 dez. 2018.

CASTRO, Lorena Gomes Freitas de. **O meme digital: construção de objetos de discurso em textos multimodais**. 2017. 79 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2017. Disponível em: <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/8197/2/LORENA_GOMES_FREITAS_CASTRO.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2019.

CONCEIÇÃO, Arnaldo Alves da. A “governamentalidade” em Michel Foucault e “corrupção”, de Norberto Bobbio. **Âmbito Jurídico**, Rio Grande, v. XIII, n. 79, p.1-2, ago. 2018. Mensal. ISSN - 1518-0360. Disponível em: <http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=8150>. Acesso em: 18 nov. 2018.

EDUARDO, Luiz Felipe Melo. As estratégias do discurso político: uma análise de imagens e procedimentos linguísticos. **Palimpsesto**, Rio de Janeiro, n. 19, out. - nov. 2014, p. 459-475. Disponível em: <<http://www.pgletas.uerj.br/palimpsesto/num19/estudos/palimpsesto19estudos05.pdf>>. Acesso em: 28 ago. 2018. ISSN: 1809-3507

EZEQUIEL, Vanderlei de Castro; CIOCCARI, Deysi. Discurso de ódio na política contemporânea: Trump venceu!. **Comunicação e Sociedade**, São Bernardo do Campo, n. 3, vol. 39, set./dez. 2017, p. 29-60. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/view/7802>>. Acesso em: 05 dez. 2018.

FERNANDES, Claudemar Alves. **Discurso e sujeito em Michel Foucault**. São Paulo: Intermeios, 2012.

FERNANDES, Fabiana Parpinelli Gonçalves; OLIVEIRA, Maria Regina Momesso de. ORKUT: UM ARQUIVO DIGITAL. **Revista de Letras**, Curitiba (PR), v. 1, n. 10, p.1-17, 2008. Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). <http://dx.doi.org/10.3895/rl.v0n10.2399>. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rl/article/view/2399>>. Acesso em: 15 fev. 2018.

FERNANDES, Hanna Verônica da Silva; PHILIPPSEN, Neusa Inês. O Poder da Persuasão nos Discursos Políticos: a ‘realidade’ da mídia. **Eventos Pedagógicos**, Sinop, v. 3, n. 1, p.182-195, abr. 2012. Disponível em: <<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/view/612>>. Acesso em: 15 set. 2018.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. 8 ed. Trad. NEVES, Luiz Felipe Baeta Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2017.

_____. **A hermenêutica do sujeito**. 2. ed. Trad. FONSECA, Márcio Alves da; MUCHA, Salma Tannus. São Paulo (SP): M. Fontes, 2006c.

_____. **A Ordem do Discurso:** aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 24 ed. Trad. SAMPAIO, Laura Fraga de Almeida. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

_____. **Ditos e Escritos:** ética, sexualidade e política. MOTTA, Manoel Barros de. (Org). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006a.

_____. **Em defesa da sociedade:** Curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **História da Sexualidade I:** a vontade de saber. 13ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

_____. **Microfísica do Poder.** Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. **O poder psiquiátrico.** Trad. BRANDÃO, Eduardo. São Paulo: Martins Fontes, 2006b.

_____. O sujeito e o poder. In.: RABINOV, Paul; DREYFUS, Hubert. **Michel Foucault:** Uma Trajetória Filosófica – para além do estruturalismo e da hermenêutica. Trad. CARRERO, Vera Porto. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 1995, p. 229-249.

_____. **Segurança, Território, População.** Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FREIRE, Fernanda. Uma breve reflexão sobre memes políticos, humor e conversação cotidiana informal. **Em Debate**, Belo Horizonte, v. 8, n. 6, p.34-40, ago. 2016. Disponível em: <<http://opiniaopublica.ufmg.br/site/files/artigo/3-Fernanda-Freire-REV.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2018.

GASPAR, Nádea Regina. Língua, linguagem, texto e discurso. In.: NAVARRO, Pedro (Org). **Estudos do texto e do discurso:** mapeando conceitos e métodos. São Carlos: Claraluz, 2006, pp. 45-63

GREGOLIN, Maria do Rosário. **A Análise do Discurso:** conceitos e aplicações. *Alfa*, Araraquara, v.39, 1995, p.13-21. Disponível em: <<http://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/107724/ISSN1981-5794-1995-39-13-21.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em 30 abr. 2019.

_____. AD: descrever – interpretar acontecimentos cuja materialidade funde linguagem e história. In.: NAVARRO, Pedro (Org). **Estudos do texto e do discurso:** mapeando conceitos e métodos. São Carlos: Claraluz, 2006, pp. 19-34.

_____. Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 4, n. 11, p. 11-25, nov, 2007. Disponível em <<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/105>>. Acesso em 15 abr. 2019.

GUERRA, Cristiane; BOTTA, Mariana Giacomini. O meme como gênero discursivo nativo do meio digital: principais características e análise preliminar. **Domínios de Linguagem**, Uberlândia, v. 12, n. 3, jul./set. 2018. ISSN 1980-5799. Disponível em:

<<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/40639>>. Acesso em: 20 abr. 2019.

GUERREIRO, Anderson; SOARES, Neiva Maria Machado. Os memes vão além do humor: uma leitura multimodal para a construção de sentidos. **Texto Digital**, Florianópolis, v. 12, n. 2, p. 185-208, jul./dez. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/textodigital/article/view/1807-9288.2016v12n2p185>>. Acesso em: 20 abr. 2019.

GUIMARÃES, Thamires Rodrigues; MOURA, João Carlos da Cunha. Discurso de expressão, liberdade de ódio: o discurso de ódio voltado aos nordestinos nas redes sociais. **Pergaminho**, Patos de Minas, v. 7, n. 7, p.12-27, dez. 2016. ISSN: 2178-7654. Disponível em: <<http://pergaminho.unipam.edu.br/documents/43440/1504664/2-Discurso+de+express%C3%A3o%20liberdade+de+%C3%B3dio+-+o+discurso+de+%C3%B3dio+voltado+aos+nordestinos+nas+redes+sociais.pdf>>. Acesso em: 27 nov. 2018.

HENRY, Paul. Os fundamentos teóricos da “análise automática do discurso de Michel Pêcheux (1969). In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Orgs). **Por uma análise do discurso automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3 ed. Campinas: Unicamp, 1997. p. 13-38.

JOANILHO, André Luiz; JOANILHO, Mariângela P. Galli. Enunciado e sentido em Michel Foucault. **Revista Línguas**, S.i., v. 27/28, n. 1, p.27-41, jan./dez., 2011. Disponível em: <<http://www.revistalinguas.com/edicao27e28/artigo2.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2018.

MAGNABOSCO, Gislaine Gracia. A construção da identidade através da produção textual na internet: análise do blog capricho papo de amiga. *Travessias*, Cascavel, v. 3, n. 2, p.1-12, 2009. ISSN 1982-5935. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/3388>>. Acesso em: 10 set. 2018.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Ana Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs). **Gêneros Textuais & Ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p. 19-36.

MARTINS, Andréia. **Ciberativismo**: ativismo nasce nas redes e mobiliza as ruas do mundo. s/d. Disponível em: < <https://vestibular.uol.com.br/resumo-das-disciplinas/atualidades/ciberativismo-o-ativismo-da-rede-para-as-ruas-o-ativismo-da-rede-para-as-ruas.htm> >. Acesso em: 08 jan. 2019.

MARTINS, José Antônio Martins. **Corrupção**. São Paulo: Globo, 2008.

MIRANDA, Luiz Fernando. Corrupção e percepção de corrupção. **Revista Em Debate**, Belo Horizonte, vol. 2, n. 3, p. 25-30, mar. 2010. Disponível em < https://www.academia.edu/584529/Corrup%C3%A7%C3%A3o_e_Percep%C3%A7%C3%A3o_de_Corrup%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 14 nov. 2018.

_____. **Pensando a Corrupção na Política**: aspectos teóricos e empíricos. 2007. 84 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciência Política, Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

_____. Unificando os conceitos de corrupção: uma abordagem através da nova metodologia dos conceitos. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 25, p.237-272, jan. 2018. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0103-335220182507>. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcpol/n25/2178-4884-rbcpol-25-237.pdf>>. Acesso em: 05 nov. 2018.

NAVARRO, Pedro; NEZO, Ronaldo. A relação discursiva de verdade-beleza no Facebook. In.: MELO, Silvia Mara de; FERNANDES, Claudemar Alves (Orgs). **Violência e seus paradoxos**: práticas discursivas pelas lentes de Michel Foucault. São Carlos: Edufscar, 2016.

ORLANDI. Eni Puccinelli. **Análise de Discurso**: Princípios e Procedimentos. Campinas, Pontes, 2005.

PADEIRO, Maione. **Os males da corrupção na economia**. 2017. Disponível em: <<http://www.dm.com.br/opiniao/2017/05/os-males-da-corrupcao-na-economia.html>>. Acesso em: 05 dez. 2018.

PASSOS, Izabel C. Friche. (Org.). **Poder, normalização e violência**: Incursões foucaultianas para a atualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. 4ed. Trad. ORLANDI. Eni. Campinas: Pontes, 2006.

_____. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre *et al.* **Papel da memória**. 2 ed. Campinas: Pontes, 2007. p. 49-57.

PINHONI, Marina. **5 efeitos danosos da corrupção que você não vê**. 2013. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/brasil/5-efeitos-danosos-da-corrupcao-que-voce-nao-ve/>>. Acesso em: 05 dez. 2018.

PINTO, Céli Regina Jardim. Elementos para uma análise de discurso político. **Barbarói**: Revista do Departamento de Ciências Humanas, Santa Cruz do Sul (rs), v. 1, n. 24, p.78-109, 20 dez. 2005. ISSN 1982-2022. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/view/821/605>>. Acesso em: 14 jul. 2018.

PISA, Lícia Frezza. Modos de ser e de dizer em Redes Sociais: como o poder e os discursos operam na construção de identidades: uma análise sobre o perfil do Orkut. **Revista Eletrônica de Linguística**, Uberlândia, v. 1, n. 6, p.148-165, jun. 2012. Semestral. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/14502>>. Acesso em: 15 fev. 2018.

POSSENTI, Sírío. A noção de acontecimento. In.: POSSENTI, Sírío. **Questões para analistas do discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009, p. 119-126.

_____. O humor é universal. In: POSSENTI, Sírío. **Humor, língua e discurso**. São Paulo: Contexto, 2014. p. 139-152.

_____. O humor político. In: POSSENTI, Sírio. **Os humores da língua: análises linguísticas de piadas**. Campinas: Mercado das Letras, 1998. p. 109-124.

PRADO, Tomás. Foucault e o nascimento do discurso: o enunciado e o poder. **Revista Dissertatio de Filosofia**, Pelotas, v. 40, p.237-256, 1 jan. 2014. Universidade Federal de Pelotas. <http://dx.doi.org/10.15210/dissertatio.v40i0.8537>. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/dissertatio/article/view/8537>>. Acesso em: 20 out. 2018.

RECUERO, Raquel da Cunha. Memes em weblogs: proposta de uma taxonomia. **Revista Famecos**, Porto Alegre, n. 32, p. 23-31, abr. 2007. Disponível em <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3411/2675>>. Acesso em: 20 abr. 2019.

_____. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

ROCHA, Patrícia Barcelos Nunes de Mattos. **Corrupção na Era da Globalização**. Curitiba: Juruá Editora, 2008.

SARGENTINI, Vanice de Oliveira. Discurso Político e Redes Sociais. **ABRALIN**, v.14, n. 2, p. 215-232, jul./dez. 2015. Disponível em <<https://revistas.ufpr.br/abralin/article/view/42563>>. Acesso em 14 ago. 2018.

SCHIRMER, Leandra Cohen; DALMOLIN, Aline Roes. **O discurso de ódio biopolítico nas redes**. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE DIREITO E CONTEMPORANEIDADE, 4., 2017, Santa Maria. *Anais...*. Santa Maria: Editora Ufsm, 2017. p. 1 - 12. Disponível em: <<http://coral.ufsm.br/congressodireito/anais/2017/1-2.pdf>>. Acesso em: 27 nov. 2018.

SILVA, Rosane Leal da; NICHEL, Andressa; MARTINS, Anna Clara Lehmann; BORCHARDT, Carlise Kolbe. Discursos de ódio em redes sociais: jurisprudência brasileira. **Rev. Direito GV**. 2011, vol. 7, n. 2, p. 445-468. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1808-24322011000200004&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em 07 jan. 2019.

SILVA, Valney Veras da. **O discurso político da legitimação da corrupção parlamentar nas crises políticas da era Lula**. 2011. 470 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Centro de Humanidades, Departamento de Letras Vernáculas, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/8737>>. Acesso em: 07 out. 2018.

SOUSA, Ana Carolina Luiza. Análise do discurso aplicada em charges e cartuns políticos, Crátilo: **Revista de Estudos Linguísticos e Literários, Patos de Minas**, v. 1, n. 1, p. 39-48, ago. 2008. Disponível em <<https://revistas.unipam.edu.br/index.php/cratilo/issue/view/37/Revista%20Cr%C3%A1tilo%20C%20vol.%201%2C%202008>>. Acesso em 30 abr. 2019.

SOUSA, Kátia Menezes de. A construção das verdades na condução das condutas dos brasileiros, a intolerância como forma de resistência e o precipitar dos acontecimentos discursivos. **Cadernos Discursivos**, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.56-76, 2018. Disponível em <

https://cadis.letras.catalao.ufg.br/up/595/o/K%C3%A1tia_Menezes_.pdf>. Acesso em 13 nov. 2018 (ISSN: 2317-1006 - online).

SOUZA, Michele de; COSTA, César Augusto. Da Rede para a Sociedade: Uma análise sobre a influência das redes sociais nas relações sociais e políticas contemporâneas, *Revista Contribuciones a las Ciencias Sociales*, (enero-marzo 2017) Disponível em <<http://www.eu.med.net/rev/cccss/2017/01/redes.html>>. Acesso em 28 ago. 2018.

SYLVESTRE, Ana Paula Melo. **O Eu e o Outro Online**: discurso, poder e identidade nas redes sociais. 2013. 156 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Linguística, Departamento de Linguística, Português e Língua Clássicas, Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/13829/1/2013_AnaPaulaMeloSylvestre.pdf>. Acesso em: 11 maio 2018.

TRÄSEL, Emerson; ERHARDT, Paola; JUCHUM, Maristela. **Corrupção**: consequências e impactos na sociedade brasileira. 2016. Disponível em: <<https://emertemerson.jusbrasil.com.br/artigos/360700254/corruptao-consequencias-e-impactos-na-sociedade-brasileira>>. Acesso em: 14 nov. 2018.

VENTURINI, Maria Cleci; SCHERER, Amanda Eloína. O discurso do/sobre ódio no contexto brasileiro: nosso compromisso político com o dizer. **Fragmentum**, Santa Maria, v. 1, n. 50, p.163-178, jun. 2017. ISSN 2179-2194. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/fragmentum/article/view/31541>>. Acesso em: 27 nov. 2018.

ZAMPAR, Douglas. **Mídia e eleições presidenciais de 1994 a 2010**: o funcionamento do imaginário na Folha de S. Paulo acerca da corrupção no PT. 2014. 227 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2014. Disponível em: <http://www.ple.uem.br/defesas/def_douglas_zampar.htm>. Acesso em: 10 set. 2018.